

Um texto setecentista em três séculos: os conteúdos, as formas e os significados da *Noticia Primeira Practica*, de João Antonio Cabral Camello (XVIII-XX)¹

An eighteenth century text in three centuries: the contents, forms and meanings of the *Noticia Primeira Practica* written by João Antonio Cabral Camello (18th-20th centuries)

<https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d3e41>

JEAN GOMES DE SOUZA²

<https://orcid.org/0000-0002-0293-2835>

Universidade de São Paulo / São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: A *Noticia Primeira Practica Que da ao Reverendo Padre Diogo Soarez o Cappitam loão Antonio Cabral Camello sobre a Viage, que fez as Minaz do Cuyaba no anno de 1727* consiste numa narrativa acerca da viagem fluvial empreendida por João Antonio Cabral Camello de Sorocaba (SP) a Cuiabá (MT) no ano de 1727, possivelmente escrita em 1734. Os dois testemunhos manuscritos conhecidos desse texto encontram-se no códice CXVI 1-15 da Coleção Diogo Soares, da Biblioteca Pública de Évora (Portugal). Ao longo dos séculos subsequentes, a *Noticia* foi publicada em diferentes meios, como na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, por Francisco Adolfo de Varnhagen, em 1842, e no livro *Relatos monçoeiros*, de 1953, organizado por Afonso d'Escragolle Taunay. Este artigo tem por objetivo traçar a trajetória histórica da *Noticia Primeira Practica* por meio do estudo de sua produção, transmissão e apropriação ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. A natureza do objeto, bem como as questões investigativas propostas, nos impelem a lançar mão das contribuições teóricas de diversos campos do conhecimento, tais como a história da cultura escrita, a paleografia, a filologia e a bibliografia material. Embora distintas, essas áreas possuem um objeto de pesquisa em comum: o texto escrito, estudado enquanto representação histórica, social, linguística e material. O reconhecimento da dimensão material do texto nos possibilita analisá-lo sob a perspectiva dos estudos de cultura material. Sendo antes de mais nada um artefato, a *Noticia Primeira Practica* será considerada enquanto *vetor* e *produto* de relações sociais.

1. Uma primeira versão deste texto, muito reduzida, foi apresentada no Seminário Internacional Cultura Escrita no Mundo Moderno, realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Universidade Federal de Ouro Preto entre os dias 2 e 5 de setembro de 2019, nas cidades de Belo Horizonte e Mariana. Posteriormente, foi publicada nos anais desse evento. Cf. Souza (2019).

2. Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Messtrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da mesma universidade. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail: <jhamgomes9@gmail.com>.

PALAVRAS-CHAVE: Notícias práticas. Manuscrito. Impresso. Cultura material. Monções.

ABSTRACT: The “*Noticia Primeira Practica Que da ao Reverendo Padre Diogo Soares o Cappitam Ioão Antonio Cabral Camello sobre a Viage, que fez as Minaz do Cuyaba no anno de 1727*” consists of a narrative about the river trip undertaken by João Antonio Cabral Camello from Sorocaba (São Paulo) to Cuiabá (Mato Grosso) in 1727, possibly written in 1734. The two existing handwritten testimonies concerning this text can be found in codex CXVI 1-15 of the Diogo Soares Collection of the Évora Public Library, Portugal. Over the following centuries it was published in different media, such as the *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* by Francisco Adolfo de Varnhagen, in 1842, and the book *Relatos monçoeiros* in 1953, organized by Afonso d’Escragnoille Taunay. This article traces the historical trajectory of *Noticia Primeira Practica* by studying its production, transmission and appropriation throughout the 18th, 19th and 20th centuries. Due to the nature of the object, as well as the proposed investigative questions, its study requires an interdisciplinary theoretical framework including History of Written Culture, Palaeography, Philology and Material Bibliography. Although distinct, these fields have a common research object: written text studied as a historical, social, linguistic and material representation. Acknowledging the material dimension of the text allowed us to analyze it from the perspective of Material Culture studies. Primarily an artifact, the *Noticia Primeira Practica* is here to considered a vector and product of social relations.

KEYWORDS: Notícias práticas. Manuscript. Printed. Material culture. Monsoons.

INTRODUÇÃO

A *Noticia Primeira Practica Que da ao Reverendo Padre Diogo Soarez o Cappitam loaõ Antonio Cabral Camello sobre a Viage, que fez as Minaz do Cuyaba no anno de 1727* (doravante *Noticia Primeira Practica*) consiste numa narrativa acerca da viagem fluvial empreendida por João Antonio Cabral Camello de Sorocaba (SP) a Cuiabá (MT) no ano de 1727, possivelmente escrita em 1734. Essa viagem está inserida na fase da história da expansão paulista conhecida como “monções”, caracterizada pelas expedições fluviais periódicas que comumente partiam do porto de Ararituaguaba (atual Porto Feliz, SP) com destino a Cuiabá, no Mato Grosso, tendo por finalidade o abastecimento comercial e o povoamento das minas auríferas lá descobertas em 1719.³

Os dois testemunhos⁴ manuscritos conhecidos da *Noticia Primeira Practica* fazem parte do conjunto das *Notícias Práticas de varias minas, e do descobrimento de novos caminhos, e outros sucessos do Brazil*, constituído por dezenove textos recolhidos e reunidos pelo padre matemático Diogo Soares na América portuguesa entre 1730 e 1748, hoje salvaguardado na Biblioteca Pública de Évora (BPE), Portugal, no códice CXVI 1-15 da coleção que leva o seu nome. As narrativas coligidas pelo padre Soares foram congregadas em quatro grupos documentais distintos, organizados de acordo com as regiões da colônia por elas abordadas. São eles: (1) *Notícias Práticas das Minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo* (contendo nove notícias);⁵ (2) *Notícias Práticas das Minas Gerais do Ouro e Diamantes* (contendo cinco notícias); (3) *Notícias Práticas do Novo caminho que se descobriu das campanhas do Rio Grande e Nova Colônia do Sacramento para a vila de Curitiba* (contendo três notícias); e (4) *Notícias Práticas da Costa, e Povoação do mar do Sul* (contendo duas notícias).

Todos os nove relatos que compõem a coletânea das *Notícias Práticas das Minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo* encontram-se em duplicata no códice eborense. João Antonio Cabral Camello é o autor de dois deles, a *Noticia Primeira Practica* e a *Noticia Segunda Practica*, nas quais discorre sobre o que sucedeu nas viagens de ida a Cuiabá e de retorno a São Paulo, respectivamente.⁶ Das notícias práticas concernentes a Cuiabá, a *Noticia Primeira Practica* é aquela que possui o maior número de edições impressas – oito, no total.⁷ Para a análise que será desenvolvida neste artigo, nos valeremos de duas delas: a de 1842, no tomo IV da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB),⁸ fruto do oferecimento de uma cópia do manuscrito ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) por Francisco Adolfo de Varnhagen, futuro Visconde de Porto Seguro; e a primeira edição de *Relatos monçoeiros*, de 1953, obra organizada por Afonso d’Escragnolle Taunay⁹ para a Biblioteca Histórica Paulista da Livraria Martins Editora.

3. Cf. Holanda (2014, 2017).

4. Entendemos como “testemunho” cada registro de um texto escrito (Cambráia, 2005, p. 63).

5. Segundo a descrição de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1850, t. 1, p. 191-193) no *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*, são elas: (1) *Noticia 1ª Pratica que dá ao R. P. Diogo Soares o Capitão Antonio Cabral Camello sobre a viagem que fez ás Minas de Cuyabá no anno de 1727*; (2) *Noticia 2ª Pratica do que lhe socdeeo na volta que fez das mesmas Minas de S. Paulo*; (3) *Noticia 3ª Pratica, dada pelo Capitão Domingos Lourenço de Araujo ao R. P. Diogo Soares sobre o infeliz successo que tiveram no Rio Paraguay as tropas, que vinham para S. Paulo no anno de 1730*; (4) *Noticia 4ª Pratica, vinda da cidade do Paraguay a Nova Colonia do Sacramento com aviso da venda que fizeram os Payaguaz dos Captivos Portuguezes naquela mesma Cidade, e escripta por D. Carlos de los Reis Valmaseda*; (5) *Noticia 5ª Pratica, dada pelo Capitão Antonio Pires de Campos ao Capitão Domingos Lourenço de Araujo, e communicada por este ao R. P. Diogo Soares sobre os Reinos e Nações de Barbaros, que ha na derrota e viagem do Cuyabá, e seu reconcavo*; (6) *Noticia 6ª Pratica, e relação verdadeira da derrota e viagem, que fez da Cidade de S. Paulo para as Minas do Cuyabá o Exmo. Sr. Rodrigo Cezar de Menezes, Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo, e suas Minas descobertas no tempo de seu governo, e nelle mesmo estabelecidas*; (7) *Noticia 7ª Pratica, e Roteiro verdadeiro das Minas do Cuyabá, e de todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros, e descarregadouros das Canoas, que navegam para as ditas Minas, com os dias de navegação, e traveça,*

que costumam fazer por mar e terra; (8) *Notícia 8ª Prática, exposta na cópia de uma Carta escripta do Cuyabá aos novos pretendentes daquelas Minas*; e (9) *Notícia 1ª Prática, que dá ao Pe Me Diogo Soares o Alferes José Peixoto da Silva Braga do que passou na Primeira Bandeira, que entrou no descobrimento das Minas de Guaytez até sair na Cidade de Belem do Grão Pará.*

6. Sobre os percursos das *Notícias Práticas das minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo* do século XVIII ao XX, cf. Borrego; Souza (2019).

7. São elas: Camello (1842, 1953a, 1953b, 1961, 1976a, 1976b, 1981, 2002).

8. Id., 1842.

9. Cf. Taunay (1953).

10. A partir de um estudo progressivo, no qual analisamos a tradição da *Notícia Primeira Prática* do século XVIII ao XXI, foi possível construir uma árvore genealógica dos seus testemunhos. Cf. Souza, *op. cit.*

11. Este trabalho é resultado de pesquisa de mestrado em desenvolvimento, por isso o recorte proposto é de ordem prática, ou seja, está estritamente vinculado à exiguidade do projeto. Todavia, não foi estabelecido de maneira arbitrária, haja vista que optamos por priorizar as etapas do percurso desse escrito que compreendemos serem centrais na sua trajetória. Ainda que tenham sido pequenas as alterações do texto nas edições subsequentes dessa obra e no tomo 3 de *História das bandeiras paulistas* (Camello, 1961, 1976b), os livros vieram a público em contextos distintos, inseridos em novas coleções, com capas e imagens diversas daquelas de 1953. A análise pormenorizada de cada um deles

A escolha da edição da RIHGB se justifica pelo fato de ela ser o primeiro testemunho impresso da *Notícia Primeira Prática*. Já a escolha pela publicada em Relatos monçoeiros, em 1953, se deu pelo seu consolidado reconhecimento como referência para todas as demais que vieram a ser realizadas no século XX,¹⁰ assim como por ser a única que contou com a supervisão direta de Afonso Taunay, falecido em 1958.¹¹ Em nenhuma das duas edições da *Notícia Primeira Prática* estudadas há menção ao fato de existir mais de um testemunho manuscrito desse texto no códice eborense; logo, não se sabe qual deles foi utilizado como base para a composição dos textos que essas edições oferecem ao leitor. Além disso, em Relatos monçoeiros, encontra-se logo abaixo do título da *Notícia Primeira Prática* a seguinte informação: "(M. S. oferecido ao Instituto Histórico Brasileiro por Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro)",¹² a qual também se faz presente no tomo IV da RIHGB,¹³ indicativo do testemunho que Taunay elegeu como fonte para a edição sob sua responsabilidade. Diante do quadro aqui esboçado, algumas questões devem ser postas. Quem produziu os diferentes testemunhos manuscritos da *Notícia Primeira Prática*? Há diferenças formais e substanciais entre os textos veiculados por eles? Varnhagen se valeu de qual dos dois testemunhos ao realizar a transcrição que submeteu ao IHGB e que foi publicada em 1842? A edição oferecida por Afonso Taunay em 1953 realmente teve por base o texto editado por Varnhagen? Em que medida os testemunhos impressos se mantiveram fidedignos aos manuscritos? Qual foi o grau de intervenção que Varnhagen e Taunay exerceram sobre a *Notícia Primeira Prática*? As modificações por eles propostas interferem na compreensão do texto? Por qual razão esse relato setecentista ganhou a atenção desses dois historiadores? Ele foi visto da mesma forma e apropriado com o mesmo sentido ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX? Ao responder a essas indagações, este artigo objetiva reconstituir a trajetória histórica da *Notícia Primeira Prática* a partir do estudo da sua produção, transmissão e de como foi apropriada em diferentes contextos, por agentes distintos, para fins diversos.

Como nos ensinou Jacques Le Goff, todo documento é um monumento, posto que resulta do empenho das sociedades históricas em fixar uma imagem de si. É, pois, uma elaboração (consciente ou inconsciente) da sociedade que o produziu e das épocas subsequentes, nas quais continuou a ser manipulado, mesmo que pelo silêncio. Nesse sentido, cabe ao historiador desmontar essa imagem, demolir essa construção. Porém, como o autor ressalta, a crítica histórica, sozinha, não é capaz de realizar com êxito esse procedimento.¹⁴ Faz-se necessário recorrer a outras disciplinas.

POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DAS NOTÍCIAS PRÁTICAS CUIABANAS

Silvia Hunold Lara, ao refletir sobre o processo de *transformação* de um documento em fonte pelo historiador, aponta que a leitura dele feita não deve buscar apenas o *que* foi escrito, mas também *como* foi escrito, *por que* foi escrito, como ele *circulou* e como foi *guardado*, na medida em que esses elementos também são capazes de oferecer informações aos pesquisadores. Estes, por sua vez, comumente exploram as suas fontes apenas no nível da substância textual, recorrendo mormente às fontes impressas, sem procederem ao cotejo com os originais. Ao agir desse modo, ignoram que, “para além de seu ‘conteúdo’, um texto também possui elementos materiais que, juntamente com o gesto que lhe deu origem, precisam ser levados em conta na análise”.¹⁵

A atenção às condições de produção, circulação e guarda das escrituras mostra-se fundamental para o campo da história da cultura escrita. Segundo um dos seus maiores expoentes, Antonio Castillo Gómez, essa disciplina pode ser definida como aquela que se dedica à compreensão do escrito em cada uma das etapas que marcam a sua trajetória, a saber: *tempo de aquisição* (focado nas condições sociais de acesso à competência gráfica), *tempo de produção* (ligado as circunstâncias que interviram no momento de fabricar um produto da cultura escrita), *tempo de recepção* (no qual o protagonismo passa do autor para o leitor) e tempo de conservação (cujo foco são as políticas de memória).¹⁶

A esses quatro tempos do escrito propostos pelo historiador espanhol parece-nos necessário acrescentar um quinto, ao considerarmos as questões postas para o estudo da *Noticia Primeira Practica: o tempo de transmissão*, filológico¹⁷ por excelência. Este dedica-se a analisar a tradição textual,¹⁸ os modos através dos quais o escrito foi transmitido, as transformações formais e substanciais pelas quais ele passou ao longo de sua história e como estas mudam o seu sentido, vinculando-as aos seus respectivos contextos.¹⁹ Nessa perspectiva, *transmissão* e *circulação* são entendidas enquanto dois processos distintos: o primeiro é concernente às vias, ou seja, aos meios pelos quais uma mensagem é disseminada; já o segundo, aos itinerários da escritura, associado ao uso que dela é feito.²⁰

Para Antonio Castillo Gómez, a escritura deve ser compreendida enquanto intersecção entre o individual e o coletivo. Como parte da história cultural, a história da cultura escrita deve mirar a materialidade do texto, as práticas de escrita e leitura vigentes em determinado período, os diferentes lugares, espaços e maneiras de sua recepção, tendo em vista que a apropriação e o consumo cultural dos escritos também são atos de produção.²¹

exigiria do pesquisador maior tempo de trabalho do que aquele que é oferecido na atualidade pelos programas de pós-graduação.

12. Camello (1953a, p. 114).

13. Na seguinte forma: “(Ms. oferecido ao Instituto pelo seu Socio correspondente o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen.)” (Camello, 1842, p. 487).

14. Le Goff (2013, p. 497).

15. Lara (2008, p. 22).

16. Castillo Gómez (2003, p. 116-124).

17. Esse termo é empregue por nós segundo o entendimento do professor Ivo Castro (1995, p. 604), ou seja, como relativo à disciplina cujo objeto de estudo é o texto e a sua escrita (quer se trate de um autógrafo ou de suas cópias). Para esse estudioso, a filologia reúne ao redor de si distintas preocupações, como as técnicas e os materiais empregados na produção escrita do texto, as condições históricas que influenciaram a sua produção, o estudo das cópias, do número delas e das condições nas quais foram realizadas, os protagonistas dos atos reprodutórios, além daquela que, para Castro, é a função mais visível de todas: o estudo das técnicas de publicação moderna do texto e a preparação de suas respectivas edições. Cabe ainda ressaltar que, ao longo de todo este trabalho, essa área de conhecimento encontra-se representada sobretudo pelos usos e citações que fazemos do livro *Introdução à crítica textual*, de César Nardelli Cambraia (*op. cit.*).

18. Refere-se ao conjunto das fontes de um texto. Pode ser direta (em manuscrito ou impresso) ou indireta (paráfrase, citação) (*ibid.*, p. 134).

19. Segundo Leonardo L. Marcotulio *et al.* (2018, p. 28), relacionar *texto e contexto* consiste em “buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem à produção, à circulação e o consumo dos discursos”.

20. Fala do Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin na disciplina Produção e Circulação de Manuscritos no Brasil Colonial: Língua e Sociedade, USP, em novembro de 2018.

21. Castillo Gómez, *op. cit.*, p. 121.

22. Castillo Gómez; Sáez Sánchez (1994, p. 153-154).

23. *Ibid.*, p. 188.

24. McKenzie (2018, p. 27).

25. *Ibid.*, p. 61.

26. *Ibid.*, p. 23.

27. Almada (2018, p. 18).

28. Meneses (1983, p. 112).

29. *Ibid.*, loc. cit.

30. *Ibid.*, p. 113.

31. Rede (2012, p. 147).

Castillo Gómez e Carlos Sáez Sánchez, apoiados em Armando Petrucci, afirmam que, por mais que seja possível o exercício da paleografia sem a história da cultura escrita, esta, por sua vez, não se pode construir à margem da primeira.²² O atual conceito de paleografia pode ser compreendido a partir de três elementos: a *paleografia de leitura*, de caráter prático, cujo objetivo se assenta na leitura correta dos textos; a paleografia de análise, que se propõe a precisar as características de escritas distintas a fim de estabelecer sua identificação, autenticação, classificação, datação e localização; e a *paleografia como história da escrita*, à qual, para além das indagações de *como* e *onde*, presentes nos outros níveis de investigação do método paleográfico, se soma o interesse em compreender os *porquês*.²³

Da bibliografia material nos valemos da ideia segundo a qual o texto escrito está vinculado a um processo de construção material cujo resultado imediato é um objeto. Este, como reitera Donald Francis McKenzie, “não é peculiar a uma única substância ou uma única forma”.²⁴ Livros e documentos não são os únicos artefatos textuais existentes. Na concepção desse autor, a paisagem, os mapas e as fotografias, por exemplo, podem ser estudados como textos. Isso porque esses objetos exercem “função textual”, ou seja, encerram em si narrativas codificadas.²⁵ O reconhecimento das diversas formas que um texto pode assumir, assim como de que o meio influencia uma mensagem em qualquer sentido, faz com que McKenzie defenda que o pesquisador deve estar atento à relação entre *forma*, *função* e *significado simbólico*.²⁶ A compreensão do texto enquanto objeto, a constatação de que a sua materialidade pode fornecer informações distintas daquelas oriundas da substância textual, a admissão de que a forma através da qual um escrito é difundido interfere na sua apreensão pelo leitor e a preocupação com as diversas etapas que marcam a sua trajetória nos autorizam a mobilizar o aparato teórico-metodológico dos estudos de cultura material para a análise da *Notícia Primeira Practica*. Como já foi destacado por Márcia Almada, a relação entre artefato, corpo e lugar figura entre os interesses do referido campo.²⁷

Segundo a definição clássica dada por Ulpiano T. Bezerra de Meneses, “por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem”.²⁸ Para sua análise, é necessário “situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social”.²⁹ De acordo com essa perspectiva, os artefatos devem ser considerados sob duplo aspecto: como *produtos* e *vetores* de relações sociais.³⁰ Marcelo Rede ressalta que a cultura material não é concebível sem a sua relação de interação com a sociedade, tampouco sem a sua dimensão temporal, devendo o historiador, portanto, dar conta das transformações pelas quais ela passa ao longo de sua existência.³¹ A partir da constatação de que um objeto pode ser uma coisa em uma ocasião mas

em outra não, ou seja, de que um artefato pode mudar de status ao longo de sua existência, Igor Kopytoff propõe a ideia de traçar uma *biografia cultural das coisas*.³² Tal como sugere Samuel Alberti, fundamentando-se no trabalho de Kopytoff, deve-se estudar a trajetória de um objeto musealizado levando em consideração a rede de relações que o circunda, sendo esta formada não apenas por produtores, colecionadores, curadores e cientistas, mas também pelo público visitante.³³

32. Cf. Kopytoff (2010).

33. Alberti (2005, p. 561).

34. Cf. Almeida (1999); Correa (2016).

35. Provisão... (2009, p. 229-230).

36. Bluteau (1720, p. 672).

37. Gruzinski (2010, p. 187).

OS TESTEMUNHOS MANUSCRITOS DA NOTICIA PRIMEIRA PRACTICA

Em 1730, os jesuítas matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci aportaram na América portuguesa encarregados de produzir cartas geográficas da porção centro-sul do território para o que viria a ser o *Novo atlas da América portuguesa*. A missão dos chamados “padres matemáticos” está inserida no contexto das querelas territoriais entre Portugal e Espanha no século XVIII. Desde o final da década de 1710 e início da década de 1720 havia ficado explícito para ambos os lados que a linha imaginária que dividia o continente americano entre as Coroas ibéricas, fixada pelo Tratado de Tordesilhas (1494), já não era mais respeitada.³⁴ Segundo a provisão passada por D. João V aos padres Soares e Capacci em 1729, além da feitura dos mapas contendo detalhes por escrito das regiões representadas, eles deveriam registrar “em livro à parte por extenço tudo q houver mais digno de notar em cada hũa das capitánias”, como a capacidade de navegação dos rios, qual tipo de embarcação era utilizado para navegá-los, em quais trechos os viajantes deveriam ir por terra ou embarcados, os habitantes das margens, se havia arvoredos que pudessem ser derrubados e levados facilmente para um povoado, se havia pastos e gado, se as localidades eram habitadas por indígenas “ferozes ou domésticos”, de que modo eles viviam, que armas usavam, a distância entre os povoados e as divisas administrativas existentes entre eles, entre outros dados. Para isso, completa elrei, careciam tomar “noticia da gente pratica da terra”.³⁵

Uma das definições dadas por Raphael Bluteau para “homem prático” refere-se àquele que é experimentado, versado, perito em algo.³⁶ Ao caracterizar os “práticos das Coroas Ibéricas”, Serge Gruzinski ressalta o contato direto que esses homens puderam ter com a matéria sobre a qual informavam através da pena.³⁷ Não é à toa que, nos primeiros parágrafos da *Noticia Primeira Practica*, João Antonio Cabral Camello diz que, embora usualmente o embarque para Cuiabá seja feito no porto de “Aritaguába” (Ararituaba), dele não dará notícia

38. Camello ([1734a], f. 1r). Os trechos de documentos de época citados no corpo do texto e nas notas foram transcritos seguindo normas de caráter semidiplomático e conservadoras. Sendo assim, grafia, pontuação e acentuação foram fielmente reproduzidas; as abreviaturas foram desenvolvidas em itálico; letras e palavras supostamente contemporâneas ao modelo acrescentadas nas entrelinhas ou nas margens foram reproduzidas entre os sinais <...>; letras e palavras riscadas supostamente durante a redação do modelo foram reproduzidas tachadas na transcrição; letras e palavras reconstituídas por conjectura foram transcritas entre colchetes; as fronteiras entre palavras foram modernizadas de acordo com a separação vocabular atual; e a separação das linhas encontra-se sinalizada por barras verticais.

39. Cf. Hartog (1999).

40. *Ibid.*, p. 273.

41. *Ibid.*, p. 274.

42. *Ibid.*, p. 281.

43. *Ibid.*

44. Franco (1954, p. 96).

45. Tal como apontado por Phablo Fachin (2014, p. 221), a questão da autoria intelectual e material de um texto está diretamente ligada à sua forma de transmissão, âmbito no qual várias possibilidades estão em jogo. Entre elas citamos o *testemunho autógrafa*, “texto da mão do autor, da sua inteira responsabilidade, tanto mental como material” (Marquilha, 2009a); o *testemunho idiógrafo*, quando “o original pode ter sido ditado pelo autor” (*ibid.*); e o *testemunho apógrafo*, “cópia executada a partir do original”, não sendo raro o seu uso de forma

alguma, pois lá não esteve; todavia, informará sobre o que viu e *experimentou* no porto de Sorocaba, porque foi onde ele embarcou.³⁸

Segundo François Hartog, a narrativa de viagem expressa-se enquanto uma tradução do outro.³⁹ À retórica da alteridade cabe o papel de agente dessa tradução, fazendo com que o destinatário acredite na fidelidade da operação. Para tanto, *olho* e *ouvido* compõem “os dois polos entre os quais se inscreve e se desenvolve a retórica da alteridade”.⁴⁰ O olho apresenta-se como marca de enunciação, de modo que o “eu vi” atua como intervenção do narrador em sua própria narrativa a fim de provar alguma coisa. Dos filósofos da Jônia a Aristóteles, passando por médicos e historiadores, Hartog observa o que ele chamou de uma *constante epistemológica*: a “vista como instrumento de conhecimento”.⁴¹ João Antonio Cabral Camello viu tudo aquilo que descreve ao padre Diogo Soares na sua notícia prática. Sendo assim, as matérias narradas adquirem o status de verdade.

Cabral Camello recorre a terceiros quando discorre sobre algo que não viu, valendo-se da expressão “disem”. Não sabemos quais são as suas fontes na maioria dos casos, salvo nas menções aos “certanistaz antigoz”. Nessas ocasiões eles se tornam, então, os primeiros que viram. Para François Hartog, enquanto marca de enunciação, o *eu ouvi* reveza com o *eu vi*, “quando este último não é possível ou não é mais possível”.⁴² Todavia, afirma o autor, no que diz respeito ao “fazer-criar”, o ouvido vale menos que o olho, logo uma narrativa que se fundamenta no sentido da audição é menos crível ou persuasiva que aquela construída a partir da visão.⁴³

Entre os sertanistas, monçoeiros, comerciantes e agentes régios das Coroas portuguesa e espanhola com os quais Diogo Soares recolheu as notícias práticas está o capitão João Antonio Cabral Camello. Pouco sabemos a respeito dessa personagem. Num verbete do *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*, Francisco de Assis Carvalho Franco o descreve como um militar que, saindo de Sorocaba, fez uma viagem para o Mato Grosso, citando como referência a edição de 1842 da *Notícia Primeira Practica*.⁴⁴

A partir da leitura das duas notícias práticas redigidas por Cabral Camello é possível depreender algumas informações a seu respeito. Ele escreve que esteve nas minas do Cuiabá por cerca de dois anos e meio, envolvido com a exploração aurífera, entre novembro de 1727 e maio de 1730. Era um homem com algumas posses, já que, dos quatorze escravizados embarcados consigo no porto de Sorocaba, seis eram seus e oito do seu tio (cujo nome não é mencionado). Foi o autor intelectual⁴⁵ de dois longos e detalhados textos remetidos ao padre Diogo Soares, os quais apresentam uma linguagem clara e fluída.⁴⁶ Nas duas narrativas, diante da citação de uma palavra não usual ou de origem indígena, constatamos o empenho de explicá-las ao leitor, ainda que não seja possível atribuir o domínio

do vocabulário empregado diretamente a Cabral Camello, visto que os originais, caso existam, não foram localizados. Além disso, é evidente o planejamento de ambos os textos. Isso porque em dois trechos da *Notícia Primeira Practica*, quando Cabral Camello faz menção a assuntos que serão tratados detidamente mais adiante – como o porto do Rio Piracicaba e o ataque dos Paiaguás à monção de 1730 –, preocupa-se em sinalizar que sobre eles “dirá a seu tempo”, o que é feito nos trechos que correspondem à *Notícia Segunda Practica*.⁴⁷

Na *Notícia Primeira Practica*, escrita a partir do pedido do padre Diogo Soares e a ele destinada, como as linhas iniciais do texto indicam, Cabral Camello descreve minuciosamente os rios percorridos de Sorocaba a Cuiabá, seus respectivos percursos, os saltos, sangradouros, baías e portos neles existentes, a distância entre eles, as vilas e roças ao longo do trajeto, os gêneros alimentícios cultivados e os animais criados, a oferta de caça e de pesca e o tipo de vegetação encontrada nas margens fluviais.⁴⁸ Informa também sobre os diversos perigos que a natureza impõe aos navegantes e quais as técnicas empregadas para contorná-los, de acordo com a perícia e experiência de pilotos, proeiros e remadores. Todavia, para além da navegação dificultosa dos rios que levavam a Cuiabá, havia também o risco constante dos ataques promovidos pela população originária que habitava a região. Sendo assim, o autor se preocupa em informar as nações indígenas existentes ao longo do percurso, bem como em caracterizar seu comportamento para com os brancos, seus hábitos, atividades de subsistência e armas utilizadas. Em suma, anota todas as notícias que D. João V desejava obter, como registrado na provisão citada.

Embora não esteja datado, estimamos que esse relato tenha sido escrito na vila de São João em 16 de abril de 1734.⁴⁹ Isso porque, em sua origem, os dois textos de autoria de João Antonio Cabral Camello pertencentes ao conjunto das *Notícias Práticas* eram possivelmente um único texto, divididos quando da cópia no códice eborense. A parte na qual o autor narra a ida para Cuiabá foi nomeada como *Notícia Primeira Practica*, enquanto o retorno para São Paulo foi intitulado de *Notícia Segunda Practica*. São dois os aspectos formais dos textos que corroboram a hipótese de sua unicidade. O primeiro diz respeito à continuidade da numeração dos parágrafos entre uma notícia e outra em ambos os testemunhos manuscritos, pois enquanto a *Notícia Primeira Practica* termina no 36º parágrafo, a *Notícia Segunda Practica* tem seu início no 37º. O segundo consiste no fato de a assinatura, a datação tópica e a cronológica terem sido reproduzidas apenas ao final da *Notícia Segunda Practica*, o que nos permitiu atribuir uma data de produção para a *Notícia Primeira Practica*.

Do ponto de vista da substância textual, não há nenhuma ruptura entre o término de um relato e o início de outro, muito pelo contrário: se o encerramento da primeira notícia é feito com Cabral Camello contando sobre sua chegada ao

genérica como sinônimo de cópia (id., 2009b). Isso posto, haja vista que, como discutiremos adiante, nos testemunhos manuscritos conhecidos da *Notícia Primeira Practica* não consta o punho de Cabral Camello, tratando-se, portanto, de cópias realizadas por outras pessoas, cabe a ele apenas a atribuição da autoria intelectual da narrativa em questão, ou seja, o reconhecimento de sua responsabilidade mental pelo escrito.

46. Soma-se a esses dois relatos uma carta enviada da localidade de São João a Martinho de Mendonça de Pina e Proença em 1735, cuja autoria intelectual e material é de João Antonio Cabral Camello. Trata-se do mesmo lugar que consta ao final das suas notícias práticas, quase onze meses depois da datação cronológica por elas apresentada. Abordaremos esses dados com maior detalhamento adiante. Cf. Carta de João... (1735).

47. Camello (1734c, f. 6v-10v).

48. Tendo em vista a hipótese da unicidade das duas notícias práticas quando da sua produção, o vínculo que nós estabelecemos entre a origem desses textos e a encomenda de Diogo Soares é reforçado em duas passagens do parágrafo de encerramento da *Notícia Segunda Practica*. A primeira delas é quando o seu autor intelectual afirma que “Esta he a informação, que posso dar a Vossa Reverência do que me pede”. A segunda, ao dizer que “quando Vossa Reverência passar a este Rio das mortez satisferey a tudo o que julgar falta nesta” (Camello, 1734c, f. 10r-10v).

49. Seguramente se trata de São João del Rei, em virtude da menção que é feita ao “Rio das mortez” no parágrafo final da *Notícia Se-*

gunda Practica, conforme citamos na nota anterior.

50. Lisboa; Miranda; Olival (2002, p. 141).

51. Uma das rotas que ligava Cuiabá a Lisboa na primeira metade do século XVIII consistia em um deslocamento de cinco meses de Cuiabá a São Paulo, dois dias de São Paulo a Santos, sete dias de Santos ao Rio de Janeiro e três meses do Rio de Janeiro a Lisboa – informações com base no projeto de pesquisa *Os espaços-tempo no Brasil dos séculos XVIII e XIX*, de autoria do Prof. Dr. João Paulo G. Pimenta, de Clarissa Silvestre Pedro, João G. Covolan Silva, Matheus de Paula Silva e Thomáz Fortunato, e na pesquisa de mestrado *Topografias temporais: a formação da territorialidade espaço-temporal dos correios do Rio de Janeiro (1798 – c.1831)*, desenvolvida por Thomáz Fortunato, a quem agradecemos pelo compartilhamento desses dados.

52. Emiliano; Pedro (2004, p. 6).

53. Megiani (2019, p. 541).

54. *Ibid.*

Cuiabá, a abertura da segunda é marcada pelo início do retorno a São Paulo. Conjecturamos que Diogo Soares tenha tomado conhecimento de João Antonio Cabral Camello em virtude da participação deste no episódio do ataque dos Paiaguás à monção de maio de 1730, evento que culminou na morte do ouvidor Antônio Alvares Lanhas Peixoto e no roubo de cerca de dez ou onze arrobas de ouro, o que foi presenciado por Camello e narrado na *Noticia Segunda Practica*. O impacto desse assalto não foi pequeno, já que foi merecedor da tinta das penas de Domingos Lourenço de Araujo, autor da *Noticia Terceira Practica*, e de D. Carlos de los Reyes Valmaseda, responsável pela *Noticia Quarta Practica*.

A repercussão desse incidente pode ser também averiguada através da constatação de que, treze meses após o ocorrido, ele já estava sendo noticiado em uma das gazetas manuscritas portuguesas pertencentes à coleção da Biblioteca Pública de Évora, em Portugal.⁵⁰ Trata-se, pois, de um curto período de tempo, haja vista que no século XVIII o trajeto entre Cuiabá e Lisboa era percorrido, em média, em oito meses e nove dias.⁵¹ Isto posto, é plausível que os padres matemáticos, chegados no porto do Rio de Janeiro em fevereiro de 1730, não tenham ficado alheios ao que veio a suceder quatro meses depois.

A espécie documental *notícia* é constatável na língua portuguesa desde os seus primeiros registros escritos que chegaram à contemporaneidade, sendo o caso mais antigo a chamada *Notícia de Torto*, documento notarial particular da segunda década do século XIII que narra as perseguições, os roubos e as depredações patrimoniais sofridas por Lourenço Fernandes da Cunha. Ao estudarem o gênero diplomático *notícia*, António Emiliano e Susana Tavares Pedro o caracterizam dentro da produção primitiva portuguesa como um registro pessoal e privado de determinados acontecimentos e circunstâncias, um “testemunho do acto nele consignado” sem qualquer valor jurídico.⁵²

Nos séculos XVI e XVII, os documentos noticiosos versavam sobre diversos assuntos. Segundo Ana Paula Megiani, “qualquer pessoa que tivesse presenciado um acontecimento, ou escutado um relato sobre ele, estava apta a redigir uma notícia, o que determina uma grande diversidade de formatos sobre um mesmo acontecimento”.⁵³ Além disso, a autora ressalta o fato de que parte significativa das notícias que corriam tanto em formato impresso quanto em manuscrito tinha os seus autores desconhecidos. Para as relações de sucesso espanholas, por exemplo, o processo consistia na recolha, por parte de um editor, de relatos sobre determinado acontecimento entre várias pessoas pertencentes a sua rede de informantes, a fim de publicá-los. Megiani também salienta a prática corrente no mundo ibérico do período moderno de seleção e organização de notícias impressas e manuscritas em miscelâneas, de acordo com os interesses de quem as colecionava.⁵⁴

Na primeira metade do século XVIII, Raphael Bluteau definiu notícia como “conhecimento ou cousa que vem ao conhecimento”, sublinhando a existência de diversas “castas” de notícias, umas “certas e evidentes”, como a ciência, ou “duvidosas e escuras”, como é a opinião, havendo também as “naturais”, como a inteligência, e as “adquiridas”, como a metafísica.⁵⁵ Nesse período, as notícias de mão⁵⁶ coexistem com os periódicos impressos; todavia, conforme observa André Belo, sua existência só faz sentido se considerarmos o regime legal no qual havia um monopólio sobre a informação impressa, sendo necessários espaços nos quais as informações pudessem circular num nível menos público, através do manuscrito.⁵⁷

As notícias manuscritas no século XVIII apresentavam a vantagem de não sofrer com as restrições impostas aos dados que eram veiculados de forma impressa, sobretudo aquelas que diziam respeito à Corte portuguesa. Em virtude de não serem avaliadas pelos censores régios nem passarem pela composição tipográfica, essas notícias apresentavam maior rapidez em sua circulação quando comparadas às impressas, assim como possibilitavam a adaptação do seu conteúdo de acordo com cada destinatário. Por último, outra diferença importante vincula-se ao fato de as notícias de mão registrarem informações que vinham da oralidade e que muitas vezes ainda seriam confirmadas, o que não acontecia nas gazetas impressas.⁵⁸

Destarte, o conjunto das *Notícias Práticas* pode ser compreendido como uma série de relatos informativos que foram reunidos por dois punhos distintos em uma coleção, cujo critério de seleção nos parece ser o fato de elas fornecerem informações oriundas da prática, da experiência, do contato direto dos seus autores com a realidade narrada: o interior da porção centro-sul da América portuguesa.

Como aponta Tiago Miranda,⁵⁹ as notícias manuscritas no século XVIII podiam circular em formatos distintos, como cartas e diários, por exemplo. As *Notícias Práticas das minas de Cuiabá* narram as viagens empreendidas entre Araritaguaba (ou Sorocaba, no caso da *Notícia Primeira Practica*) e Cuiabá na primeira metade do século XVIII. Apresentam parágrafos numerados e subdivididos em seções temáticas – por exemplo, os principais rios percorridos pelo narrador ou o dia da viagem ao qual aquele trecho corresponde. Essa forma de composição do texto, tal como nos mostram Márcia Almada e Rodrigo Bentes Monteiro, visava facilitar a busca e a consulta de informações.⁶⁰

O conjunto das *Notícias Práticas das minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo* corresponde a aproximadamente 130 fólhos (frente e verso) do códice CXVI 1-15 da BPE. Todas as notícias dessa coletânea encontram-se em duplicata, em testemunhos que nós nomeamos de A e B – o primeiro com 47 fólhos e o segundo com 83. O testemunho A da *Notícia Primeira Practica* ocupa os fólhos que vão do 1 recto ao 6 verso. Foi escrito em letra de tipo humanístico, com maiúsculas

55. Bluteau, *op. cit.*, p. 754.

56. Termo cunhado por António Coimbra Martins (2005).

57. Belo (2004a, p. 9).

58. Id., 2004b, p. 29.

59. Cf. Miranda (2009).

60. Almada; Monteiro (2019, p. 15).

61. Compreendemos cada um dos elementos constitutivos da escritura conforme as definições cunhadas por Luis Núñez Contreras (1994, p. 35-55) em seu *Manual de paleografia*. O módulo da letra diz respeito à dimensão das suas formas. O peso é o elemento que indica a natureza grossa ou delgada dos traços que constituem a letra. O *ductus* é o sentido e a ordem de sucessão com que o escriba realiza os traços que compõem a letra. O ângulo é expresso através da posição do instrumento de escrita em relação à pauta. As ligaduras são traços cursivos que unem uma ou duas letras próximas, originários do fato de o escriba não levantar o instrumento de escrita do suporte ao grafá-las.

62. “Noticias Practicas | das | Minas do Cuyabá, e Guyazes | Na Capitania de São Paulo. | Cuyabá | Notícia Primeira Practica. | Que da ao Reverendo Padre Diogo Soares o Cappitam Ioaõ Antonio Cabral Camello sobre a Viage, que fez as Minas do Cuyaba no anno de 1727. | Muito Reverendo Senhor. Não poderey informar a Vossa Reverendissima com a individuação, que pertende, e | Eu dezejo sobre a Viage, que fiz as Minas do Cuyabá; mas o farey na melhor | forma, e modo, que me for possível; usq[ue] os Coniugos perigou, e Zeyas desta Paroquia não dão lugar a se attender a nada.” (Camello, [1734a], f. 1r).

e minúsculas de módulo pequeno no corpo do texto e de módulo grande nos títulos e subtítulos. Apresenta peso leve, *ductus* cursivo e ângulo inclinado à direita. Ainda que a escrita seja cursiva, a velocidade desenvolvida pelo amanuense no ato de escrita não foi alta, pois o testemunho apresenta poucas ligaduras entre as palavras, sendo as fronteiras entre elas muito bem delimitadas (ver Figura 1).⁶¹



Figura 1 – Trecho do fólio 1 recto do códice CXVI 1-15.⁶²

O escriba desse testemunho possui alguns traços que nos ajudam a caracterizar o seu punho, como hastes curvadas para a esquerda na finalização dos grafemas <m> e <z> em contexto final, como em *hum* <hum> e *Minaz* <Minaz>, respectivamente, e uma haste cujo traçado ondulante é iniciado com uma leve curva à esquerda e posteriormente à direita na finalização do grafema <a> em contexto final, como em *Sorocabá* <Sorocaba>.

Apesar de os originais ainda não terem sido acessados, o que inviabiliza a constatação da existência ou não de vestígios materiais que indiquem o método de pautaço utilizado, mesmo através da cópia digitalizada com a qual trabalhamos é

possível inferir que algo foi utilizado pelo escriba para que tanto a disposição do texto sobre o suporte quanto a distância entre as linhas se apresentem de modo regular. Na maior parte dos casos em que houve a necessidade de separação das sílabas em razão do término da linha, o escriba a indicou com um traço <->.

Quanto aos alógrafos, ou seja, as diferentes formas pelas quais um grafema é representado,⁶³ o escriba varia o modo pelo qual representa o <p> minúsculo em posição inicial, o <s> minúsculo em posição medial e o <t> minúsculo também em posição medial, como pode ser visto no Quadro 1.

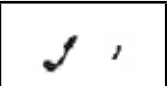
63. Cambraia, *op. cit.*, p. 112.

64. Cf. Camello (1734a).

65. Fachin; Costa (2015, p. 27-36).



66. Cf. Camello (1734a).

Quadro 1 – Alógrafos do testemunho A⁶⁴

<p>		<s>		<t>	
-----	---	-----	---	-----	---





Constam no testemunho A da *Noticia Primeira Practica* sete tipos de abreviaturas (ver Quadro 2), sendo elas: por sigla (em que a representação da palavra é feita por sua letra inicial maiúscula seguida de ponto), letra sobrescrita (formada pela sobreposição da última ou das últimas letras da palavra), nota tironiana (na qual sinais são utilizados em posições diversas, variando os seus significados em cada uma delas), contração ou síncope (formada através da supressão das letras no meio da palavra), mista (quando há na mesma palavra o encontro de abreviaturas por suspensão, contração e/ou letras sobrescritas, ou quando numa sequência de palavras nenhuma delas se encontra abreviada isoladamente), numérica (formada pela sobreposição das desinências o/os ou a/as minúsculas aos numerais) e sinal geral (composta por um signo abreviativo que indica a supressão de uma ou mais letras da palavra afetada, sem especificar quais são), conforme a classificação realizada por Phablo Fachin e Renata Ferreira Costa para as abreviaturas mais recorrentes nos manuscritos do século XVIII.⁶⁵

Quadro 2 – Abreviaturas do testemunho A⁶⁶

Classificação	Abreviatura	Abreviatura desenvolvida
Sigla		Reverendo
Letra sobrescrita		Cidade

67. Carta de João... (1735).

68. Machado (1741, p. 697-698); Leite (1947, p. 3-4); Almeida, op. cit., p. 82; Pre-sotti (2008, p. 123-124).

Classificação	Abreviatura	Abreviatura desenvolvida
Nota fironiana		que
Contração ou síncope		Rodriguez
Mista		São Paulo
Numérica		quarto

Não há, ao longo do testemunho em questão, indicação por escrito que permita definir o seu autor material. A hipótese de que João Antonio Cabral Camello poderia ter sido igualmente autor intelectual e material desse testemunho é facilmente descartada ao compararmos o punho acima detalhado com uma carta escrita por ele a Martinho de Mendonça de Pina e Proença em março de 1735.⁶⁷ Todavia, os resultados são outros quando aplicamos o mesmo método de análise paleográfica às cartas de Diogo Soares remetidas também a Martinho de Mendonça em dezembro de 1734 e fevereiro de 1735, o que torna possível atribuir ao padre Soares a autoria material do testemunho A da *Noticia Primeira Practica*, como também de todas as demais concernentes a Cuiabá registradas com o mesmo punho.

Diogo Soares nasceu em 1684 na cidade de Lisboa. No ano de 1701 entrou para a Companhia de Jesus. Foi professor de humanidades e filosofia durante dez anos na Universidade de Évora, lente de teologia moral em Coimbra, assim como ministrou aulas de matemática nos colégios de Jesus e de Santo Antão em Lisboa. Atuou como pregador nas igrejas de São Roque e Santo Antão, e foi autor de *Pobreza vencedora, e applaudida, ou triunfo com que os Terceiros pobres da nobre, e sempre illustre Villa do Redondo na Provincia do Alentejo celebraraõ a nova tresladação do seu grande Patriarcha, e Pay dos Pobres São Francisco*, volume *in-quarto* publicado em 1723 em Évora, na Officina da Universidade.⁶⁸ Faleceu nas minas de Goiás no ano de 1748.

Tal qual no testemunho A da *Noticia Primeira Practica*, consta nas duas cartas do padre Soares a Martinho de Mendonça de Pina e Proença uma letra de tipo humanístico, de módulo pequeno no corpo do texto, *ductus* cursivo, ângulo inclinado à direita, peso leve e com poucas ligaduras (ver Figuras 2 e 3). Os mesmos traços particulares da escrita do autor material do testemunho A são observados em ambas as cartas, isto é, as hastes curvadas à esquerda na

finalização dos grafemas <m> e <z> em posição final, como em *tambem* <tambem> e *antes* <antes>, e a haste ondulante cujo traçado é iniciado com uma leve curva à esquerda e posteriormente à direita na finalização do grafema <a> em contexto final, como em *outra* <outra>.

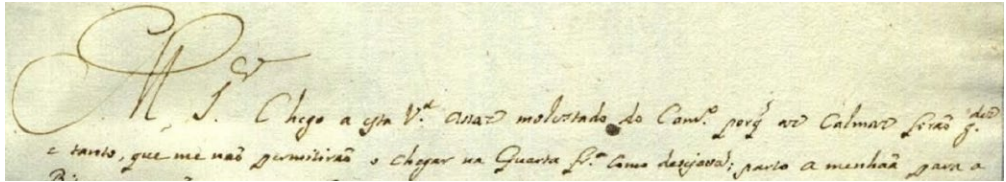


Figura 2 – Linhas 1 e 2 da carta de Diogo Soares a Martinho de Mendonça, de 19 de dezembro de 1734.⁶⁹

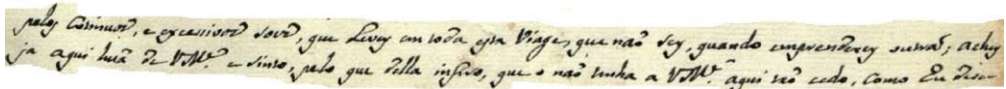


Figura 3 – Linhas 2 e 3 da carta de Diogo Soares a Martinho de Mendonça, de 12 de fevereiro de 1735.⁷⁰

69. “Meu Senhor Chego a esta Vila assaz molestado do Caminho porque az calmar foraõ grandez | e tanto, que me não permitiraõ o chegar na Quarta feira como desejava; parto amehã para a [...]” (Carta de Diogo..., 1734).

70. “[...] pelos continuoz, e excessivoz soez, que Levey em toda esta Viage, que não sey, quando emprenderey outra; achey | ja aqui huã de Vossa Merce e sinto, pelo que della infiro, que o não tenha a Vossa Merce aqui taõ cedo, como Eu dese [...]” (Carta de Diogo..., 1735).

71. Cf. Camello (1734a); Carta de Diogo... (1734, 1735).

Tanto numa quanto noutra é possível destacar o traçado particular de alguns grafemas a fim de vincular Diogo Soares à produção do testemunho A. São eles: o grafema <O>, que apresenta semelhança com o numeral <6>; o grafema <D>, cuja base assentada sobre a pauta é sempre aberta; e, por fim, o grafema <P>, feito através de dois traços, de modo que o segundo, à esquerda, forma um semicírculo que une seu corpo e sua cauda, como pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Comparação entre grafemas do testemunho A e das cartas de Soares⁷¹

Grafema	Testemunho A	Cartas
<O>		
<D>		
<P>		

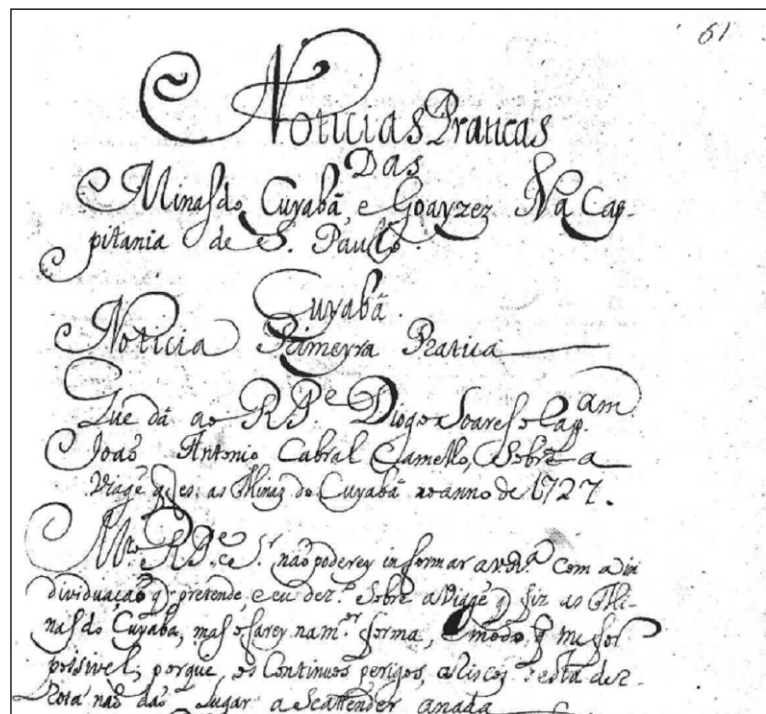
72. Carta de Domingos... (1734a), [1734b], 1734c).

73. "Noticias Praticas | Das | Minas do Cuyabá, e Goyazes Na Cap- | pitania de São Paulo. | Cuyabá. | Noticia Primeyra Practica | Que dá ao Reverendo Padre Diogo Soares o Capitam | Ioaõ Antonio Cabral Camello, Sobre a | viagê que fes as Minas do Cuyabá no anno de 1727. | Muito Reverendo Padre e Senbor não poderey informar a vossa Reverendissima com a in | dividação que pretende, e eu dezejo Sobre a viagê que fiz as Mi - | nas do Cuyaba, mas o farey na melbor forma, [e] modo que me for | poisivel; porque os Continuos perigos, ariscos desta der- | rota não dão Lugar a Se attender a nada" (Camello, [1734b], f. 61r).

Se ao testemunho A da *Noticia Primeira Practica* foi possível atribuir um autor material, o mesmo não ocorre para o testemunho B, pelo menos até o presente momento. A possibilidade da autoria de João Antonio Cabral Camello também foi descartada ao compararmos o seu punho com aquele que consta nesse testemunho, assim como se mostrou infrutífera a comparação com cartas assinadas por Domingos Capacci,⁷² companheiro de trabalho de Diogo Soares.

O testemunho B da *Noticia Primeira Practica* corresponde aos fólhos que vão do 61 recto ao 71 recto do códice CXVI 1-15 da BPE. A discrepância no número de fólhos em relação ao testemunho A se justifica pelos diferentes módulos de letra adotados em cada um deles. A letra empregada no testemunho B foi de tipo humanístico, com maiúsculas e minúsculas de módulo médio no corpo do texto e módulo grande nos títulos e subtítulos. Ela tem peso leve e ângulo inclinado à direita. Podemos classificar o seu *ductus* como cursivo, embora a velocidade utilizada pelo autor material desse testemunho no ato de escrita tenha sido maior do que aquela utilizada por Diogo Soares no testemunho A. Esse aspecto é evidenciado pelo alto número de ligaduras entre as palavras e pelos vários casos nos quais é difícil estabelecer a fronteira entre elas, justamente devido à velocidade empregada pelo amanuense e pelo fato de ele não levantar o instrumento de escrita do suporte entre uma palavra e outra (ver Figura 4).

Figura 4 – Trecho do fólio 61 recto do códice CXVI 1-15.⁷³



74. *Ibid.*

75. *Ibid.*

Uma das particularidades do punho desse escriba consiste na presença de hastes e caudas prolongadas e sinuosas, principalmente nos grafemas <d>, <q>, <s> e <y> (ver Quadro 4). Embora esses elementos invadam as linhas superiores e posteriores, tanto a disposição do texto sobre o suporte quanto o espaçamento entre as linhas são regulares, indícios da utilização de algum recurso para a pautação.

Diferentemente do testemunho A, que apresenta poucas variações na representação dos grafemas, o testemunho B exibe inúmeros casos de oscilação. São dignos de nota os seguintes: <A>, <C>, <D>, <h> em contexto medial, <p> em contexto inicial, <S>, <V>, e <v> em posição inicial, exemplificados no Quadro 4.

Quadro 4 – Alógrafos do testemunho B do códice CXVI 1-15⁷⁴

<A> maiúsculo	<C> maiúsculo	<D> maiúsculo	<h> minúsculo medial	<p> minúsculo inicial	<S> maiúsculo	<V> maiúsculo	<v> minúsculo inicial




Como visto no testemunho A, encontramos os mesmos sete tipos de abreviatura no testemunho B da *Noticia Primeira Practica*, ou seja, por sigla, letra sobrescrita, nota tironiana, contração ou síncope, mista, numérica e por sinal geral (Quadro 5).

Quadro 5 – Abreviaturas do testemunho B do códice CXVI 1-15⁷⁵

Classificação	Abreviatura	Abreviatura desenvolvida
Sigla		Reverendo
Letra sobrescrita		muito
Nota tironiana		que
Contração ou síncope		Rodriguez

76. Cambraia, *op. cit.*, p. 95-96.

77. Para uma exposição detalhada das tipologias de erros, ver Cambraia (*ibid.*, p. 81-82).

Classificação	Abreviatura	Abreviatura desenvolvida
Mista		vossa Reverendíssima
Numérica		segundo
Sinal geral		porque

A análise paleográfica de ambos os testemunhos manuscritos e a composição dos seus respectivos alfabetos nos permitiram realizar a transcrição *semidiplomática* e conservadora de cada um deles, a fim de que pudéssemos cotejá-los e identificar os seus lugares-críticos, ou seja, os pontos nos quais eles divergem. Uma transcrição *semidiplomática* é aquela cujo grau de intervenção exercido pelo editor sobre o texto é considerado médio, pois ele atua na retificação de falhas evidentes originadas no processo de cópia do texto, no desenvolvimento das abreviaturas, na inserção ou supressão de elementos através de conjecturas, entre outras operações, desde que elas estejam devidamente assinaladas na edição.⁷⁶

Foram encontradas diferenças numerosas concernentes a grafia, pontuação e acentuação. Essas variações podem estar vinculadas ao repertório de cada um dos copistas, que tomavam decisões no ato de escrita de acordo com os seus conhecimentos e opções usuais na língua do período. Por exemplo, palavras como "Practica", "Soarez" e "Viage", assim grafadas no testemunho A, constam como "Pratica", "Soares" e "Viagē" no testemunho B.

Todavia, afóra as divergências citadas acima, há também os acréscimos, as supressões e as substituições de palavras e até mesmo frases de um testemunho em relação ao outro. O reconhecimento dos lugares-críticos do texto, tendo como parâmetro discordâncias desse tipo, é essencial para identificar qual testemunho serviu de base para cada uma das edições impressas. Isso porque tal constatação seria inviável pela análise baseada nas diferenças de grafia, acentuação e pontuação dos testemunhos impressos da *Noticia Primeira Practica*, pois essas variações foram apagadas, em sua maior parte, na medida em que todos eles oferecem ao leitor textos modernizados.

A partir do levantamento realizado, selecionamos oito ocorrências a fim de exemplificar as discordâncias entre os testemunhos A e B da *Noticia Primeira Practica* que julgamos mais significativas, visto que algumas delas se enquadram nas tipologias de erros mais comuns quando da transmissão de um texto, tais como por *adição*, *omissão* e *substituição*.⁷⁷ A primeira delas é que se observa, no

testemunho B, o acréscimo da palavra “Padre” no conjunto dos pronomes de tratamento utilizados pelo autor intelectual do texto para se referir a Diogo Soares, a qual estava ausente no testemunho A. No segundo exemplo, vemos no testemunho B a supressão de uma série de palavras que no testemunho A conferem maior nível de detalhamento à informação dada. No terceiro, a referência existente no testemunho A de que, além de um porto, Sorocaba também é uma vila não consta no testemunho B, no qual Sorocaba é mencionada apenas na condição de porto. No quarto, quinto e sexto exemplo, os acréscimos feitos nas entrelinhas do testemunho A não estão presentes no testemunho B. No sétimo, há uma palavra que possivelmente foi lida de modo distinto pelos copistas de cada um dos testemunhos, pois o escriba do testemunho A escreveu “escapando se dous”, enquanto que o do testemunho B grafou “escapando so dous”. Por fim, no oitavo exemplo, temos a troca de “muitoz e melhores bananaez”, presente no testemunho A, por “muitas e melhores bananas” no testemunho B (ver Quadro 6).

Quadro 6 – Comparação de trechos dos testemunhos A e B da Noticia Primeira Practica⁷⁸

Ref.	Testemunho A	Ref.	Testemunho B
f. 1r.	<i>Muito Reverendo Senhor</i>	f. 61r.	<i>Muito Reverendo Padre e Senhor</i>
f. 1v., §2	e assim andaõ mais huns em hum dia, que os outroz em tres, ou quatro: huns se arranchaõ mais sedo, que os outroz, e finalmente	f. 62r., §2	e assim andaõ mais huns, em hum dia, que os outros, e finalmente
f. 1r., §2	Do <i>segundo</i> porto, que he o da Vila de Sorocaba	f. 61v., §2	Do <i>segundo</i> Porto que he Sorocaba
f. 1v., §3	o primeiro salto, dos trez, que nelle se topaõ, chamado Banhandaba <Avenhandavaba>, he	f. 62r., §3	o primeiro Salto dos tres que nelle Se topam chamado Banhan- dabá he
f. 2r., §6	o Nhanduy-assú entra no Pardo pela parte direita e <da parte esquêrda indo para sima> disem	f. 63r., §6	o Nhanduy-aSú entra no Pardo pella parte direiquerda ta: dizem
f. 3r., §10	ou ar- rancando o Capim, para que se lhe ^{naõ} comuniquem	f. 65r., §10	ou arrancando o capim para que Se lhe co- muniquẽ
f. 5r., §26	escapando se douz, ou tres unicoz para escarmento dos maiz; e obrigando a outroz esta desgraça asimarem se	f. 68v., §26	escapando So dous, ou tres vnicos para esca- mento dos maes, e obrigando a outros esta disgrá ça assimarem se
f. 5v., §28	ha nellas <i>muitoz</i> e melhores bananaez, que os destaz Minaz	f. 69r., §28	ha nellas <i>muitas</i> e melhores bananas que as destas minas

79. Id., 1842.

80. Apesar de ter mencionado a intenção de publicar a *Notícia Segunda Practica*, Varnhagen não o fez (Camello, 1842, p. 493).

O mapeamento dessas discrepâncias permite constatar que cada um dos autores materiais desses testemunhos tomou decisões distintas durante o ato de cópia do manuscrito remetido por João Antonio Cabral Camello a Diogo Soares. Soma-se a isso o fato de que a compreensão das particularidades dos testemunhos manuscritos de cada uma das *Notícias Práticas* figura enquanto tarefa da maior importância não só para a eleição do testemunho a partir do qual realizaremos a edição crítica desse conjunto documental, mas também para que nela possamos apresentar ao leitor, no aparato crítico, as lições divergentes que constam no testemunho preterido.

OS TESTEMUNHOS IMPRESSOS DA NOTICIA PRIMEIRA PRACTICA

Na babilônia do quarto de Varnhagen

Em 1842, a *Noticia Primeira Practica* veio a público no formato impresso pela primeira vez.⁷⁹ O manuscrito oferecido ao IHGB pelo sócio-correspondente Francisco Adolfo de Varnhagen foi impresso no tomo IV de sua revista. Nessa publicação de treze páginas, o texto encontra-se modernizado segundo as normas gramaticais vigentes no período. Ele não é precedido por nenhuma introdução, assim como não há a indicação da existência de mais de um testemunho manuscrito, muito menos informação sobre qual deles foi utilizado como base para essa edição. A única nota de rodapé consiste numa explicação de Varnhagen esclarecendo que, na passagem à qual ela se refere, quando Cabral Camello diz que falará a seu tempo sobre o episódio dos ataques dos Paiaguás, ocorrido em 1730, o autor está mencionando outra notícia de sua autoria – a segunda –, a qual logo será publicada na RIHGB, assim que se obtiver sua cópia – cuja existência é sabida e que já fora lida.⁸⁰

Soma-se a essas observações o título com o qual o texto foi publicado: *Noticias Praticas Das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá*, que da ao Rev. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez ás Minas do Cuiabá no anno de 1727. Acontece que, nos testemunhos manuscritos, “Noticias Praticas Das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo” é o nome de todo o conjunto de nove relatos concernentes a Mato Grosso e Goiás. A expressão “Cuiabá”, em vez de “e Cuiabá”, indica que as narrativas que virão a seguir dizem respeito a essa região. Por último, o editor suprimiu o começo daquele que de fato é o título do escrito, “Noticia Primeira Practica”, mantendo apenas o seu autor, o destinatário e a

matéria tratada. Com isso Varnhagen oculta que a obra em questão é apenas uma entre outras sete que versam sobre Cuiabá, fazendo da parte o todo.

Nas correspondências trocadas no primeiro semestre de 1842 por Francisco Adolfo de Varnhagen e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, diretor da BPE de 1838 a 1855, é possível se deparar com menções ao “livro manuscrito das minas de Cuiabá”. Este se encontrava com Varnhagen na casa onde ele morava com os pais, em Lisboa. A Rivara ele escreve que as relações ou notícias que no livro constam em parte “existem copiadas em duplicado [sic]”, dos fólhos 61 a 144,⁸¹ informação que o jovem historiador enfatizou que deveria constar no catálogo em composição por seu interlocutor, o que de fato foi feito, como pode ser observado no *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborensis*, elaborado pelo seu diretor e publicado no ano de 1850.⁸² A menção ao conteúdo replicado e a descrição dos fólhos nos quais ele se repete não deixam dúvidas de que tal livro corresponde ao códice das *Notícias Práticas*.

Varnhagen não só esteve com o códice, mas também transcreveu a *Noticia Primeira Practica* e tomou notas das demais no período em que o teve ao alcance das mãos em sua casa. Em 16 de março de 1842, ele escreve: “estou lendo com toda a atenção e tirando minhas notas, e em alguns lugares tenho vontade de tirar mais do que notas, mas não me atrevo, porque não pedi nem tenho para isso concessão de V. S^a de cujo favor não devo abusar”.⁸³ Rivara parece ter entendido a insinuação e autorizou a cópia dos manuscritos, pois em 11 de abril Varnhagen agradece “o deixar-me V. S^a copiar algumas coisas do seu livrinho das minas”.⁸⁴

A última menção ao “livro das Minas” é feita em 25 de maio, quando Varnhagen responde a uma possível manifestação de preocupação do diretor da BPE quanto à segurança do códice. O jovem historiador relata-lhe que está a aproveitar dele coisas para as quais nem sempre possui tempo. Em seguida, tranquiliza-o dizendo que o objeto “não é coisa que se possa perder na Babylonia do meu quarto, que agora está muito arranjado”.⁸⁵ Sendo assim, é possível atestar que Varnhagen esteve com o códice das *Notícias Práticas* consigo pelo menos entre os meses de março e maio de 1842. Afora a publicação da *Noticia Primeira Practica* nesse mesmo ano, sabemos que as anotações feitas por ele foram mobilizadas posteriormente para a escrita do capítulo “Outros factos e providencias até 1750. Ouro e Diamantes”, do tomo II de *História Geral do Brazil* (1857), no qual são citadas todas as notícias práticas, com exceção da oitava, seja no corpo do texto, seja em nota de rodapé.⁸⁶

Em carta destinada ao primeiro-secretário perpétuo do IHGB, o cónego Januário da Cunha Barbosa, publicada no tomo V da RIHGB (1843), Varnhagen diz que, apesar de seus interesses naquele momento serem relativos “às épocas mais remotas”,

81. Varnhagen (1961, p. 74).

82. Rivara, *op. cit.*, p. 191-193.

83. Varnhagen, *op. cit.*, p. 74.

84. *Ibid.*, p. 78.

85. *Ibid.*, p. 76.

86. Varnhagen (1857, p. 161-186).

87. Extracto das actas... (1843, p. 104).

88. Schwarcz (2015, p. 129).

89. No artigo primeiro do capítulo inaugural do estatuto do IHGB, na seção em que se estabelece o fim e o objetivo da agremiação, lemos que ela “tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessários para a historia e geographia do Imperio do Brazil” (Extracto dos Estatutos..., 1839, p. 18).

90. Barbosa (1839). Para José Honório Rodrigues (1969, p. 38), a *Lembrança* marca “não só a primeira iniciativa no campo da periodização da história do Brasil como também a primeira proposição de pesquisa e conquista de fontes”.

91. Cf. Corrêa Filho (1951).

92. Guimarães (2011, p. 88).

não se descuidava de obter cópia do que é “mais moderno”; destarte, se dedicava a reunir e a colecionar informações que por ordem da Corte os “nossos sertanejos” que descobriram Cuiabá e Mato Grosso davam por escrito. Informa que já remeteu um desses roteiros ao Instituto para ser publicado – a *Noticia Primeira Practica* – e qualifica a coletânea mencionada como “um monumento à minha Província pela distincta parte que n’essas excursões tiveram os nossos ousados Paulistas”.⁸⁷

Afora a dimensão de cunho pessoal no oferecimento da *Noticia Primeira Practica* à instituição na qual fora admitido como sócio-correspondente em 1840, posto que Varnhagen era natural de São João de Ipanema (atual Iperó), região de Sorocaba e das monções, há que ser levada em consideração a importância que a recolha de documentos concernentes à história do Brasil em arquivos do país e da Europa desempenhou no projeto levado a cabo pelo IHGB.

A fundação do IHGB em 1838 está diretamente vinculada à construção do Estado nacional brasileiro, na medida em que, através da criação de um passado comum, as elites do Império objetivavam a unificação da nação. Segundo Lilia Schwarcz, enquanto “guardiões da história oficial”, a instituição mirava “recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”.⁸⁸ Nesse sentido, coligir documentos que subsidiassem essa tarefa revelou-se como condição *sine qua non* para a sua concretização.⁸⁹ Exemplo disso é a *Lembrança do que devem procurar nas províncias os sócios do Instituto Historico Brasileiro, para remeterem á sociedade central do Rio de Janeiro*, plano prático de pesquisa de fontes no Brasil apresentado pelo cônego Januário da Cunha Barbosa em sessão realizada no ano de criação do IHGB.⁹⁰

Em junho de 1839, o diplomata José Silvestre Rebello sugeriu que fosse requerida ao corpo legislativo do Império uma autorização para que o ministro dos Negócios Estrangeiros enviasse um adido a países da Europa com a intenção de que este copiasse e remetesse documentos concernentes ao Brasil localizados em arquivos, por exemplo, de Portugal e Espanha. Em setembro desse mesmo ano, José Maria do Amaral fora escolhido para ocupar o cargo. A missão de coleta documental realizada pelo IHGB com o Ministério dos Negócios Estrangeiros teve sua vigência suspensa em 1864. Entre aqueles que sucederam a José Maria do Amaral como adidos de primeira classe constam, respectivamente, Francisco Adolfo de Varnhagen, Antônio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e Joaquim Caetano de Souza.⁹¹

Para além do objetivo de subsidiar a escrita da história nacional, tal empreendimento possuía também um caráter político, como salienta Lucia M. Paschoal Guimarães.⁹² Isso porque os documentos coletados auxiliavam o governo imperial na tarefa de demarcar os limites da soberania do país, o que não estava descolado do projeto de constituição da nação. Para Manoel Salgado

Guimarães, esse processo também diz respeito à definição da identidade físico-geográfica da nação em construção. Uma das demonstrações dessa preocupação pode ser percebida nas publicações de viagens exploratórias nas páginas da RIHGB, um dos temas centrais desse periódico, na medida em que elas informavam tanto sobre as regiões pouco conhecidas do país quanto acerca da possibilidade de elas se integrarem economicamente ao centro do Império.⁹³

Ao levantar os assuntos mais recorrentes nos tomos da RIHGB, afora as viagens científicas, dedicadas principalmente a locais como a Colônia de Sacramento e o Mato Grosso, Salgado Guimarães se deparou com “o problema indígena” e o “debate da história regional”, que perfazem 73% das matérias veiculadas.⁹⁴ Em um estudo anterior tivemos a oportunidade de comunicar que, nos trinta primeiros anos desse periódico, ou seja, de 1839 a 1869, foi possível constatar a existência de mais de cinquenta publicações concernentes ao Mato Grosso.⁹⁵ É digno de nota que essa província era uma das que ainda não tinham as suas fronteiras bem delimitadas à época, fator constituinte das querelas com a República do Paraguai e que veio a culminar na guerra travada contra o Brasil, cujos primeiros episódios se desenrolaram em solo mato-grossense.⁹⁶

Em suma, o lugar que o Mato Grosso veio a ocupar na RIHGB nesse período vincula-se diretamente à demanda das elites imperiais por conhecer essa região a fim de melhor ocupá-la, defendê-la e integrá-la efetivamente ao país. Se o oferecimento de uma cópia da *Notícia Primeira Practica* por Varnhagen está associado a uma dimensão de cunho pessoal, como já citamos, soma-se a ela a participação desse historiador no projeto de construção da história pátria desenvolvido pelo IHGB, do qual ele era sócio, assim como está relacionado diretamente à centralidade que as temáticas exploradas nesse documento ocupavam nos debates levados a cabo pela elite intelectual e política da época.

A partir da comparação da edição realizada por Varnhagen com os dois testemunhos manuscritos da *Notícia Primeira Practica*, constatamos que ela foi concebida a partir do testemunho B, na medida em que concorda majoritariamente com as lições presentes neste testemunho (ver Quadro 7). Entretanto essa publicação apresenta algumas poucas lições que, seja pelas correções inerentes ao texto modernizado, seja pela própria vontade do editor – que dispunha diante de si ambos os manuscritos –, concordam com o testemunho A, sem que haja qualquer indicação de alternância das fontes na fixação do texto. Tal fenômeno pode ser exemplificado mediante a incorporação da palavra “Avenhandavaba” entre parênteses no corpo do texto a fim de indicar o nome correto do salto citado como “Banhandaba” no testemunho A, “Banhandabá” no testemunho B e “Panhandabá” por Varnhagen, sendo que essa inserção está registrada entre linhas apenas no testemunho A.

93. Guimarães (1988, p. 23).

94. *Ibid.*, p. 20.

95. Cf. Borrego; Souza, *op. cit.*

96. Sobre as disputas travadas entre a República do Paraguai e o Império do Brasil no século XIX, a delimitação de suas fronteiras e como essas tensões colaboraram para a deflagração da Guerra do Paraguai (1864-1870), cf. Doratioto (2017).

Quadro 7 – Comparação entre a publicação da RIHGB e os testemunhos manuscritos da *Noticia Primeira Practica*⁹⁷

Ref.	RIHGB, t. IV, 1842	Testemunhos A e B
p. 487	Muito Rev. Padre e Sr.	(A) <i>Muito Reverendo Senhor</i> (B) <i>Muito Reverendo Padre e Senhor</i>
p. 488, §2	e assim andão mais uns em um dia que os outros, e finalmente	(A) e assim andaõ mais huns em hum dia, que os outroz em tres, ou quatro: huns se arranchaõ mais sedo, que os outroz, e finalmente (B) e assim andaõ mais huns, em hum dia, que os outros, e finalmente
p. 487, §2	Do primeiro porto é Sorocaba distante um só	(A) Do <i>segundo</i> porto, que he o da Vila de Sorocaba (B) Do <i>segundo</i> Porto que he Sorocaba
p. 488, §3	o primeiro salto dos tres que n'elle se topam, chamado <i>Panhandabá</i> (Avenhandavaba), é	(A) o primeiro salto, dos trez, que nelle se topaõ, chamado Banhandaba <Avenhandavaba>, he (B) o primeiro Salto dos tres que nelle Se topam chamado Banhan- dabá he
p. 490, §6	o Nhanduy-assú entra no Pardo pela parte esquerda; dizem	(A) o Nhanduy-assú entra no Pardo pela parte direita e <da parte esquêrda indo para sima> dizem (B) o Nhanduy-aSû entra no Pardo pella parte direiquerda ta : dizem
p. 492, §10	ou arrancando o capim para que não se lhe comuniquem	(A) ou ar- rancando o Capim, para que se lhe ^{naõ} comuniquem (B) ou arrancando o capim para que Se lhe co- muniqê
p. 497, §28	ha n'ellas muitas e melhores bananas que as d'estas minas	(A) ha nellas <i>muitoz</i> e melhores bananaez, que os destaz Minaz (B) ha nellas <i>muitas</i> e melhores bananas que as destas minas

Para além disso, há casos nos quais Varnhagen não concorda com nenhum dos dois testemunhos manuscritos e realiza alterações no texto fundamentando-se apenas na sua erudição. A título de exemplo, num dos casos o editor transformou a frase inicial do segundo parágrafo – originalmente “Do *segundo* porto, que he [...]”, no testemunho A, e “Do *segundo* Porto que he [...]”, no testemunho B – em “Do primeiro porto é [...]”, modificando completamente o seu sentido. Em outro exemplo, no qual o autor cita os tipos de pássaros cujas penas são valorizadas pelos indígenas, a primeira ave, grafada como “cadindez”

no testemunho A e “candidos” no testemunho B – o que talvez possa corresponder às araras-canindé –, torna-se “tocanos” segundo a decisão de Varnhagen.

São essas as características do texto oferecido ao IHGB por aquele que viria a ser o Visconde de Porto Seguro, autor da *História Geral do Brasil*. Haja vista que Varnhagen esteve com o códice das *Notícias Práticas* em sua própria casa, e constatado o fato de que nele os textos se encontravam em duplicata, o que o teria levado a escolher o testemunho B da *Notícia Primeira Practica* em detrimento do testemunho A? Conjecturamos que tenha sido a facilidade de leitura oferecida pela letra do testemunho escolhido, já que a caligrafia de Diogo Soares no testemunho A apresenta uma série de dificuldades, o que torna a leitura árdua e vagarosa. Ademais, os conhecimentos paleográficos do jovem historiador de 26 anos, aparentemente, ainda não eram dos mais avançados naquele período, pois em uma carta endereçada a Rivara em outubro de 1842 ele o informa que está matriculado na “Paleographia da Torre do Tombo”⁹⁸ – logo, ainda se encontrava em processo de formação.

98. Varnhagen, *op. cit.*, p. 89.

99. Cf. Taunay (1953).

100. Entrevista de José de Barros Martins (1953, p. 38).

101. Pontes (1989, p. 385).

Os Relatos monçoeiros de Afonso d’Escragnolle Taunay

Pouco mais de cem anos após a primeira publicação da narrativa de João Antonio Cabral Camello, o público viria a ter acesso a uma nova edição, dessa vez por iniciativa de outro historiador, Afonso d’Escragnolle Taunay. Entre os anos de 1952 e 1954 ele dirigiu a Biblioteca Histórica Paulista a convite de José de Barros Martins, da Livraria Martins Editora. Por esse selo foram impressos os *Relatos monçoeiros* (1953), livro que contou com organização, introdução e notas do próprio Taunay.⁹⁹

A essa altura Afonso d’Escragnolle Taunay já gozava de enorme prestígio entre a intelligentsia brasileira. Era autor de inúmeras obras, tais como *História geral das bandeiras paulistas* (1924-1950), em 11 volumes, e *História do café no Brasil* (1929-1941), em 15 volumes, tendo a primeira lhe rendido o epíteto de “historiador das bandeiras”. Soma-se a isso a sua atuação como diretor do Museu Paulista entre 1917 e 1945, a docência na cátedra de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo, de 1934 a 1937, e sua participação em agremiações como o IHGB, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Academia Brasileira de Letras e a American Historical Association. São essas as credenciais por trás da escolha de Taunay para a coordenação da Biblioteca Histórica Paulista, pois, na visão de Martins, ninguém era mais capaz de desempenhá-la do que “o grande historiador”.¹⁰⁰

A criação de coleções dedicadas ao Brasil entre as décadas de 1930, 1940 e 1950 é “o resultado da articulação do sistema de produção intelectual com o sistema editorial”¹⁰¹ vigente durante esse período. Entre elas destacam-se a *Brasiliana*, da

102. São elas: (1) *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo*, em dois tomos, de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, 1952; (2) *Pe-regrinação pela província de S. Paulo (1860-1861)*, de Augusto Emílio Zaluar, 1953; (3) *Memórias para a história da capitania de S. Vicente*, de frei Gaspar da Madre de Deus, 1953; (4) *Nobiliarchia paulistana histórica e genealógica, em três tomos*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, 1953; (5) *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, de Johann Jakob von Tschudi, 1953; (6) *Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo*, de Augusto de Saint-Hilaire, 1953; (7) *Relatos sertanistas*, organizado por Afonso Taunay, 1953; (8) *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*, de Luiz D'Alincourt, 1953; (9) *Relatos monçoeiros*, organizado por Afonso Taunay, 1953; e (10) *Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, 1954.

103. Martins (195-).

104. José Feliciano Fernandes Pinheiro (Santos, 1774 – Porto Alegre, 1847), doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra, exerceu diversos cargos régios na América portuguesa e posteriormente no Império do Brasil, ora no Rio Grande do Sul, ora em São Paulo. Entre os mais importantes, é digno de nota o de senador e conselheiro de Estado. Foi agraciado com o título de visconde pelo imperador D. Pedro I. Autor de diversos trabalhos, figura entre os fundadores do IHGB, agremiação da qual foi eleito presidente perpétuo. Cf. Duarte (2015).

105. Entrevista de Martins (1953).

Companhia Editora Nacional, organizada por Fernando de Azevedo (substituído em 1958 por Américo Jacobino Lacombe), a Documentos Brasileiros, da José Olympio, tendo como diretores Gilberto Freyre, Otávio Tarquínio de Sousa e Afonso Arinos, e a Biblioteca Histórica Brasileira, da Livraria Martins Editora, coordenada por Rubens Borba de Moraes – a qual serviu de modelo para sua congênere paulista.

A Biblioteca Histórica Brasileira era formada por dezoito volumes, contendo relatos de viajantes estrangeiros cuidadosamente traduzidos para a língua portuguesa em edições prefaciadas por grandes nomes das letras de nosso país. Eles eram ricamente ilustrados com trabalhos de artistas do calibre de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e José Wasth Rodrigues. A maior parte dos livros que a compunha trazia “Brasil” no título, o que revelava a abordagem mais ampla dada ao território e reforçava a perspectiva exótica com a qual seus autores olharam para o país.

A Biblioteca Histórica Paulista, por sua vez, foi idealizada como um oferecimento da editora às efemérides do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Era formada por dez obras que versavam sobre a história da capitania e da província de São Paulo.¹⁰² Diferencia-se da coleção que lhe serviu de inspiração pelo fato de mais da metade dos títulos que a compõem serem de autoria de pessoas da terra ou naturalizadas, tais como Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, Augusto Emílio Zaluar, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, frei Gaspar da Madre de Deus e aqueles que escreveram os relatos sertanistas e monçoeiros. José de Barros Martins possuía uma visão muito clara daquilo que ele pretendia para a coleção. No catálogo da Biblioteca, ele afirma que objetivava iluminar “os gloriosos e antigos fatos da História de São Paulo” e que, para isso, não hesitou diante da necessidade de investir avultado capital para oferecer ao público “velhos textos de nossa paulística” que há muito se encontravam esgotados.¹⁰³ Isso porque, para ele, em concordância com o Visconde de São Leopoldo,¹⁰⁴ o estudo da história de São Paulo era o estudo da própria história do Brasil.¹⁰⁵

A edição de 1953 de *Relatos monçoeiros* é composta por 273 páginas, das quais cerca de um terço corresponde aos estudos introdutórios feitos pelo seu organizador. Reúne dezessete imagens, em sua maioria de telas pertencentes ao acervo do Museu Paulista. Estas foram encomendadas a diversos artistas por Taunay, quando diretor da instituição, a partir de desenhos feitos por Hercule Florence na primeira metade do século XIX.¹⁰⁶ Nessa edição foram reunidos escritos dos séculos XVII e XVIII de autoria diversa, sendo eles: *Carta do Capitão General e Governador do Paraguai Dom Luís de Céspedes Xeria a Felipe IV sobre sua navegação no Tietê e no Paraná (1628)*; *Notícia 6ª Prática*, de Gervásio Leite Rebelo; *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá e Guiazes na Capitania de São*

Paulo (a Notícia Primeira Practica) e Notícia 2ª Prática, de João Antonio Cabral Camello; *Notícia 3ª Prática*, de Domingos Lourenço de Araujo; *Notícia 4ª Prática*, de Dom Carlos de los Reyes Valmaseda; *Notícia 7ª Prática*, de Manuel de Barros; *Notícia 8ª Prática*, de Francisco Palácio; *Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de S. Paulo para a Vila de Cuiabá em 1751*; *Carta de um passageiro de Monção (1785)*; e *Diário da navegação do Rio Tietê, Rio Grande, e Rio Gatemi, pelo Sargento-Mor Theotônio José Juzarte*.

Pensamos que o fato de Taunay ter reunido textos tão distintos de modo a formar uma coletânea seja revelador da concepção que esse autor tinha acerca do episódio das monções. A partir do estudo textual e material de *Relatos monçoeiros* foi possível compreender que Afonso Taunay concebia esse episódio enquanto a história das navegações tieteanas, pois ainda que as viagens narradas nessa obra tenham sido feitas em diferentes períodos, por pessoas diversas e visando a variados fins, elas apresentam em comum a navegação do Rio Tietê, tema central dos estudos de sua própria lavra que introduzem a obra.¹⁰⁷

Diferentemente de Sérgio Buarque de Holanda¹⁰⁸, que compreendeu as monções como uma nova fase do sertanismo paulista, na medida em que ela se distingue do movimento das Bandeiras no que concerne aos seus objetivos, vias de penetração e meios de locomoção, somando-se a isso o efeito disciplinador que essas viagens possuíam sobre os ânimos tradicionalmente aventureiros dos paulistas, Afonso d'Escragnolle Taunay as via como capítulo derradeiro das Bandeiras. Essa visão é evidenciada pela constatação de que a temática das monções ocupa a parte final do último tomo da monumental *História Geral das Bandeiras Paulistas*, por diversas passagens dos estudos de Taunay em *Relatos monçoeiros*, bem como pela própria materialidade dos livros da Biblioteca Histórica Paulista.

São diversos os desenhos de José Wasth Rodrigues¹⁰⁹ feitos para *Vida e morte do bandeirante* (1943), de Alcântara Machado,¹¹⁰ que foram reutilizados nos volumes da Biblioteca Histórica Paulista. Tanto nas edições de capa dura quanto nas de capa mole, figura na primeira capa dos livros da coleção a imagem da igreja do Colégio dos Jesuítas de São Paulo, oriunda do capítulo "Educação e cultura". Nas de capa dura há ainda outras duas imagens: de um machado e uma espada cruzados sob um gibão (comum na representação dos bandeirantes), na contracapa, e de uma espada envolta por um cinto, na lombada. Estas, por sua vez, provêm dos capítulos "Fato de vestir, joias e limpeza da casa" e "O sertão", respectivamente.¹¹¹ Por fim, o selo da coleção, formado por uma figura que exhibe a vista da cidade de São Paulo a partir da Várzea do Carmo, encimada pela bandeira do Senado da Câmara de São Paulo do século XVIII, é proveniente do capítulo "As devoções dos bandeirantes". Essa

106. Sobre as encomendas de telas concernentes às monções pelo Museu Paulista e pelo Museu Republicano Convenção de Itu, cf. Borrego (2019).

107. Baseamo-nos aqui e nas linhas subsequentes em um estudo de nossa autoria intitulado "As monções do historiador das bandeiras: Relatos monçoeiros, de Afonso d'Escragnolle Taunay (Livraria Martins Editora, 1953)", atualmente no prelo (como parte da publicação *Museu Paulista e as memórias das narrativas de Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence*, organizada por Ana Paula Nascimento e Maria Aparecida de Menezes Borrego). Este, por sua vez, tem origem na comunicação apresentada em novembro de 2019 no Seminário Internacional Museu Paulista e as Memórias das Narrativas de Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence, na qual apresentamos uma análise do projeto editorial que orientou a elaboração de *Relatos monçoeiros* e de como a seleção de textos e imagens presentes nessa obra revela a concepção que o seu organizador tinha do episódio histórico das monções.

108. Holanda (2014 e 2017).

109. José Wasth Rodrigues (1891-1957) foi um pintor, desenhista, ceramista, historiador e professor brasileiro. Junto com Guilherme de Almeida, foi responsável pela concepção e pelo desenho do brasão da cidade de São Paulo. Atendeu a diversas encomendas de Afonso Taunay para a produção de quadros a partir de desenhos e aquarelas de viajantes do século XIX. É autor de estudos como *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil* (1945) e *Mobiliário do Brasil antigo e evolução das cadeiras luso-brasileiras* (1948). Dentre os seus trabalhos como

ilustrador da Livraria Martins Editora, para além dos volumes já mencionados, citam-se *Salões e damas do II Reinado*, de Wanderley Pinho; *Obras-primas do conto brasileiro*, de vários autores; *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga; e *História do Rio Tietê*, de Mello Nóbrega. Cf. Wash... (2019); Brito (1967).

110. Cf. Machado (1943).

111. Borrego; Souza, *op. cit.*, p. 283.

112. Lofego (2004, p. 52).

113. Arruda (2015, p. 56). Exemplo disso é Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo, presidente do maior parque industrial da América Latina à época, que afora o seu envolvimento com a criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Bienal Internacional de Arte de São Paulo, o Teatro Brasileiro de Comédia e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, esteve à frente da Comissão do IV Centenário durante o período de maior relevância para a organização dos festejos. Em março de 1953, ele renunciou ao cargo de presidente dessa comissão para que não fosse demitido pelo então prefeito Jânio Quadros, com quem nutria divergências. Foi substituído por Guilherme de Almeida, que seguiu o programa em andamento. Sobre as querelas envolvendo Ciccillo e Jânio Quadros, ver Lofego (*op. cit.*, p. 43-44).

114. Arruda, *op. cit.*, p. 63.

115. Lofego, *op. cit.*, p. 152.

116. *Ibid.*, p. 67-68.

representação é acompanhada dos seguintes dizeres: “Contribuição da Livraria Martins Editora às comemorações do IV Centenário da Fundação de São Paulo”.

Um dos propósitos da Comissão criada para os festejos do quadricentenário, estabelecida em julho de 1951, era promover estudos históricos concernentes à urbe aniversariante que abarcassem temporalmente desde o século XVI até o século XX, considerando aspectos como a sua evolução histórica, política, econômica e cultural, bem como estimular as pesquisas em fontes primárias. Para tanto, dois núcleos se consolidaram como de maior importância para a comemoração: o de construção da história de São Paulo (por meio de reedições e novas produções bibliográficas) e o de propaganda, respaldado pelo primeiro. Como aponta Silvio Lofego, tratava-se, pois, de realizar uma festa não só para a cidade, mas para o mundo, na medida em que seus organizadores objetivavam “apresentar São Paulo não apenas como uma cidade que comemorava quatrocentos anos de existência, mas como uma das metrópoles mais modernas do planeta”.¹¹²

Para Maria Arminda do Nascimento Arruda, é nos anos 1950 que a cidade de São Paulo assume ares de metrópole, uma vez que em nenhum outro lugar do Brasil a urbanização e o crescimento industrial haviam atingido tamanha completude. As sucessivas correntes migratórias lhe conferiram aspectos cosmopolitas que, somados ao desenvolvimento econômico, transformavam a estratificação social paulista. É nesse decênio que a presença dos imigrantes se impôs, sejam eles de primeira geração ou seus descendentes aqui nascidos, que cada vez mais passavam a ocupar posições de destaque em diversas atividades econômicas, culturais e políticas.¹¹³

Segundo Arruda, o processo de complexificação da cidade de São Paulo ao longo da primeira metade do século XX resultou numa ruptura com o passado que não se realizou de forma homogênea e que exigia a “criação de novas matrizes identificadoras”. Essa socióloga afirma que “as identidades então gestadas ligavam-se aos problemas de uma sociedade que reequacionava a sua relação com o passado, buscando projetar o futuro”.¹¹⁴ O elã comemoracionista dos quatrocentos anos da cidade expressa significativamente a tensão entre passado, presente e futuro vigente no seio da sociedade paulista à época. Como escreveu Silvio Lofego, se naquele momento as bases econômicas pareciam sólidas, “a memória, a identidade ou os referenciais dessa população, cuja maioria tinha raízes em outras partes do mundo, ainda se dispersavam na pluralidade que compunha a cidade”.¹¹⁵ Nesse sentido é significativo o retorno à raiz mítica do bandeirante operado pelos festejos do IV Centenário, ao mesmo tempo que “se valorizam a integração e a democratização inerentes à cidade, em uma expressão obscurcedora dos conflitos entre aqueles provenientes das classes tradicionais e os imigrantes, destes entre si e de todos em relação aos migrantes”.¹¹⁶

Segundo Katia Abud, o resgate das qualidades do bandeirante por parte dos estudos históricos foi empregado ideologicamente em períodos da história de São Paulo nos quais tornou-se necessário suprimir os possíveis conflitos entre diferentes classes, ou entre setores de uma mesma classe, a fim de conservar as instituições vigentes ou possibilitar o surgimento de outras.¹¹⁷ Numa análise sofisticada do ufanismo paulista, Maria Isaura Pereira de Queiroz distingue o “bandeirante substantivo”, surgido em fins do século XIX como designação de quem participa de uma bandeira, do “bandeirante adjetivo”, que emergiu no século XX como sinônimo de paulista. Todavia, de acordo com os usos aos quais essa imagem foi submetida ao longo da primeira metade do século XX, ela incorporou “desígnios voltados ao porvir”: se outrora o adjetivo qualificava apenas os quatrocentões, mais tarde o bandeirante se tornaria “principalmente aquele que, construindo o futuro, mostra-se digno dos ancestrais”.¹¹⁸ Diferentemente de Abud, que explora o símbolo apenas enquanto elemento de coesão de determinada coletividade, Queiroz chama a atenção para o caráter dúbio dos símbolos, visto que o processo de forjar uma unidade implica a definição de seus contornos com precisão e, logo, exclui aqueles que não atendem seus critérios.

Isto posto, podemos concluir que a escolha do bandeirante enquanto símbolo nas efemérides dos quatrocentos anos de fundação da cidade de São Paulo deve-se à sua capacidade de congregar brasileiros das mais variadas regiões, imigrantes e seus descendentes que aqui nasceram, operários, profissionais liberais e empresários em um mesmo solo, na condição de paulistas.¹¹⁹ Eles os são não por pertencerem aos troncos antigos de famílias piratininganas, mas por serem detentores dos valores que comporta o bandeirante enquanto adjetivo, ou seja, bravura, heroísmo, empreendedorismo, intrepidez e pioneirismo. São esses atributos, arraigados na sua gente, que seriam responsáveis pela distinção de São Paulo diante do resto do Brasil, o que fez com que a cidade aniversariante pudesse se projetar para o país e para o mundo como uma metrópole moderna em meados do século XX.

Em *Relatos monçoeiros*, a *Notícia Primeira Practica* foi editada com o título “Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiasés, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juarez, o capitão João Antonio Cabral Camello, sôbre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727”, praticamente idêntico àquele dado por Varnhagen em 1842, com exceção da intrigante hispanização do sobrenome do jesuíta matemático.

Logo abaixo desse título encontra-se a indicação de que o manuscrito foi oferecido ao IHGB por Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Se num primeiro momento ela parecia ser apenas uma referência à primeira vez que esse escrito foi publicado, a partir do cotejo entre os testemunhos de 1842 e

117. Abud (1986, p. 10).

118. Queiroz (1992, p. 85).

119. Segundo Paulo César Garcez Marins (1998-1999, p. 13), o IV Centenário da Cidade de São Paulo pode ser compreendido como o ápice da materialização na paisagem urbana das alegorias bandeirantes, mas também como o “esgotamento do passado como formulador de um futuro já incontornavelmente liderado por novos agentes sociais e expressões culturais cosmopolitas no qual essa representação passaria a apresentar sinais de esgotamento”.

1953 (ver Quadro 8) foi possível constatar que ela também indica a edição que serviu de base para a composição deste último, já que ambos convergem na maior parte das lições. No que concerne à forma textual, diferenciam-se em razão da atualização do texto de acordo com as normas gramaticais vigentes no século XX.

Quadro 8 – Comparação de trechos do testemunho de Varnhagen e do testemunho de Taunay¹²⁰

Ref.	Tomo IV, RIHGB, 1842	Ref.	<i>Relatos monçoeiros</i> , 1953
p. 487	Muito Rev. Padre e Sr.	p. 114	Muito Rev. Padre e Sr.
p. 487, §2	Do primeiro porto é Sorocaba distante um só	p. 114, §2	Do primeiro pôrto é Sorocaba distante um só
p. 488, §2	e assim andão mais uns em um dia que os outros, e finalmente nem em todas são iguaes	p. 115, §2	e assim andam mais uns em um dia que os outros, e finalmente nem em tôdas são iguais
p. 488, §3	o primeiro salto dos tres que n'elle se topam, chamado <i>Panhandabá</i> (Avenhandavaba), é	p. 115, §3	o primeiro salto dos três que nele se topam, chamado <i>Panhandabá</i> (Avenhandavaba), é
p. 490, §6	o Nhanduy-assú entra no Pardo pela parte esquerda; dizem	p. 116, §6	o Nhanduy-assú entre no Pardo pela parte esquerda: dizem
p. 492, §10	ou arrancando o capim para que não se lhe comuniquem	p. 228, §10	ou arrancando o capim para que não se lhe comuniquem
p. 497, §26	e obrigando a outros esta desgraça a sumirem-se para mais perto da villa	p. 121, §26	e obrigando a outra esta desgraça a sumirem-se para mais perto da vila
p. 497, §28	ha n'ellas muitas e melhores bananas que as d'estas minas	p. 122, §28	há nelas muitas e melhores bananas que as destas minas

O fato de Afonso d'Escragnolle Taunay ter utilizado a edição de 1842 como referência não impediu que em alguns pontos ele divergisse dos demais testemunhos, tanto os manuscritos quanto o impresso, visto que, como era comum no período, propôs lições a partir de sua própria erudição. No segundo parágrafo, por exemplo, enquanto lemos a palavra "Itaypavaz" no testemunho A, "Ituypavas" no B e "Itaypavas" na RIHGB, Taunay optou por grafar "Itayparas". No oitavo parágrafo, a palavra "com", presente nos demais testemunhos, foi substituída por "um" na frase "como um efeito experimentaram uns de São Paulo". O mel, que é de "pao" no testemunho A, de "paó" no testemunho B e de "páo" no testemunho de 1842, torna-se de "pão" em *Relatos monçoeiros*.

Porém, há que se ressaltar que para as demais notícias práticas são necessárias outras análises. Isso porque, diferentemente da *Noticia Primeira*

Practica, cuja primeira edição foi realizada no século XIX por uma autoridade da historiografia brasileira e veio a servir de referência na composição de uma nova no século XX, as demais notícias práticas (com exceção da quinta) possuem outra trajetória. Seis delas (a segunda, terceira, quarta, sexta, sétima e oitava) permaneceram inéditas até o final da década de 1940,¹²¹ quando foram descobertas por Taunay.

Ainda que Francisco Adolfo de Varnhagen tenha citado sete das oito notícias práticas concernentes a Cuiabá no tomo II de *História Geral do Brazil* (1857),¹²² o historiador das bandeiras escreve que apenas com a leitura de uma biografia do padre “Diogo Juarez” traçada por Serafim Leite é que ele tomou conhecimento das seis notícias práticas que até então não haviam sido publicadas. A obra em questão é o opúsculo *Diogo Soares, matemático, astrónomo e geógrafo de sua majestade no Estado do Brasil (1684-1748)*, publicado em Lisboa no ano de 1947.¹²³ A partir de então, Taunay solicitou que as notícias fossem copiadas em Portugal, o que o inspirou a escrever a segunda parte do tomo XI de *História geral das bandeiras paulistas*, de 1950.¹²⁴ Essa constatação é significativa, pois revela que, mesmo sendo o responsável pela organização de *Relatos monçoeiros*, Taunay não esteve em contato direto com o códice eborense, tal como Varnhagen.

Sabe-se que Afonso d’Escragnoille Taunay tinha a intenção de publicar as *Notícias Práticas* nos *Anais do Museu Paulista*. Num papel avulso datado de janeiro de 1951 e intitulado *Duas Palavras*, nome da seção introdutória desse periódico à época e título genérico utilizado por esse historiador em diversos escritos, ele redigiu o que seria uma nota de apresentação das *Notícias Práticas*, a qual finaliza dizendo: “e tenho o prazer de entregar [as transcrições] ao meu douto sucessor na Diretoria do Museu Paulista, Sr. Dr. Sérgio Buarque de Holanda, para o volume XV dos nossos *Anais do Museu Paulista*, em via de impressão”.¹²⁵

Fato é que a publicação das *Notícias Práticas* não ocorreu no volume mencionado nem em nenhum outro a ele subsequente. A busca pelas referidas transcrições, empreendida no Serviço de Documentação do Museu Paulista, resultou apenas no encontro de uma folha datilografada, semelhante àquela utilizada nas *Duas Palavras*, na qual é possível ler o que pudemos identificar como os parágrafos 57, 58 e 59 da *Notícia Oitava Practica*, atribuída a Francisco Palácio.¹²⁶ Entretanto, a pesquisa no Fundo Sérgio Buarque de Holanda, no Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas, nos revelou a existência de um conjunto documental datilografado intitulado “Documentos ineditos sobre as monções cuiabanas Constantes das ‘Noticias Praticas’ das Minas do Cuyabá e Goyazes na Capitania de S. Paulo da Coleção Padre Diogo Soares Biblioteca de Evora,

121. A *Notícia Quinta Practica* foi publicada em 1862 no tomo XXV da RIHGB.

122. Varnhagen, *op. cit.*, p. 162-172.

123. Leite, *op. cit.*

124. Taunay (1950, p. 31).

125. *Duas...* (1951).

126. *Papel...* (195-).

127. Relato..., 1951.

128. Lara, *op. cit.*

Cod. CXVI (2-15-, 1 vol, 4^o)", ou seja, uma cópia completa das referidas transcrições, precedida do mesmo texto introdutório de Taunay de janeiro de 1951.¹²⁷

A sua consulta permitiu constatar que, em virtude da existência da publicação da *Noticia Primeira Practica* na RIHGB, em 1842, Afonso Taunay não solicitou que ela fosse transcrita, haja vista que não se enquadrava no ineditismo das demais notícias práticas. Tal achado também permitirá compreender o processo de fixação do texto das notícias práticas ainda desconhecidas pelo grande público até a década de 1950, assim como iluminará questões que cercam a concepção e construção de *Relatos monçoeiros*.

CONCLUSÕES

A partir do estudo paleográfico e filológico da *Noticia Primeira Practica*, percebe-se que os seus testemunhos manuscritos apresentam entre si diferenças tanto no nível da forma quanto da substância textual. Dentre eles, apenas o texto do testemunho B foi alçado ao papel de fonte para as edições impressas aqui analisadas. Estas, por sua vez, oferecem ao leitor versões modernizadas do texto veiculado por esse testemunho, segundo as normas gramaticais vigentes no período em que foram produzidas.

A edição realizada a partir da cópia manuscrita remetida por Francisco Adolfo de Varnhagen ao IHGB e publicada no tomo IV de sua revista em 1842 se consagrou como definitiva, haja vista que, diante da possibilidade de solicitar uma nova transcrição da *Noticia Primeira Practica*, Afonso d'Escragnolle Taunay optou por respeitar as lições propostas pelo Visconde de Porto Seguro. Isso se deve a diversas razões. Primeiramente, à posição de centralidade que Varnhagen veio a ocupar na historiografia brasileira. Em segundo lugar, à respeitabilidade do periódico através do qual o relato de Cabral Camello foi publicado: um dos principais meios de viabilização do projeto de escrita da história pátria promovido pelo IHGB. Por último, cabe salientar que as questões hoje pertinentes aos estudos da história da cultura escrita, das quais procuramos nos ocupar neste trabalho, não figuravam entre as interrogações das quais se ocupavam aqueles historiadores. Em seus respectivos contextos, interessavam-se mais pela substância textual do que pelos aspectos concernentes à forma e à materialidade, tal como discutido por Silvia Hunold Lara.¹²⁸ Em consonância com sua época, na edição de 1842 Varnhagen não só operou modificações textuais sem que elas estivessem fundamentadas num dos manuscritos, mas também as fez sem sinalizá-las aos leitores, de modo que passaram a figurar, então, como se de fato fizessem parte do texto original. Essas alterações vieram a

integrar o testemunho impresso pelo qual Taunay foi responsável, posto que o cotejo entre os testemunhos nos permitiu constatar que ele é uma derivação do anterior.

A *Noticia Primeira Practica* veiculada em *Relatos monçoeiros* consiste numa versão modernizada de um texto que já fora modernizado no passado. Soma-se a isso o fato de que o seu editor também propôs novas lições sem o respaldo de qualquer um dos testemunhos que o precederam, tendo por base a sua erudição. Diante disso, podemos afirmar que o processo de transmissão da narrativa de João Antonio Cabral Camello ao longo dos séculos XIX e XX implicou um maior distanciamento tanto da forma quanto da substância textual dos textos dos testemunhos impressos quando comparados àqueles registrados nos manuscritos.

Ao refletirmos sobre as etapas que marcaram a trajetória da *Noticia Primeira Practica* no período estudado, considerando os tempos do escrito tal como debatemos inicialmente, é possível compreender os diferentes modos pelos quais ela foi apropriada em cada uma delas. A sua produção no século XVIII por João Antonio Cabral Camello se deu em função da encomenda feita a ele por Diogo Soares, a quem interessavam as informações sobre o trajeto de São Paulo a Cuiabá oriundas do contato direto desse homem com a matéria tratada. Elas foram recolhidas a fim de que pudessem subsidiar a feitura das cartas geográficas, razão pela qual os padres matemáticos haviam sido enviados à América portuguesa pelo rei D. João V. A demanda real repousava nas disputas políticas envolvendo o Reino de Portugal e o Reino de Castela acerca dos limites territoriais de ambas as Coroas em solo sul-americano.

A análise formal, substancial e comparativa do par de testemunhos conhecidos das duas notícias práticas dadas por Cabral Camello nos possibilitou aventar a hipótese de que no manuscrito original, hoje perdido, remetido ao padre Diogo Soares, ambas figuravam como uma única narrativa. Este, então, as desmembrou de acordo com o conteúdo por elas apresentado, dando origem a dois relatos que abordam momentos distintos da viagem de seu autor, os quais foram reunidos à coleção das *Notícias Práticas* e agrupados segundo a afinidade temática que apresentavam com as demais peças. Com isso, suas particularidades foram suprimidas, pois passaram a ser apenas mais um escrito de um conjunto formado por oito relatos concernentes a Cuiabá, na condição de *Noticia Primeira Practica* e de *Noticia Segunda Practica*. Todavia, cabe ressaltar que com o título dado à publicação de 1842 se perde a noção do seu pertencimento a uma coletânea, já que não há qualquer menção a esse fato. Destarte, a parte passa a representar o todo, e as informações veiculadas pela *Noticia Primeira Practica* tornam-se as "*Noticias Praticas Das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá*".

Não sabemos como esse códice foi incorporado ao acervo da BPE. Porém, já pertencia a ele em 1842, quando Francisco Adolfo de Varnhagen transcreveu a *Noticia Primeira Practica* e tomou nota das demais. Na atribuição de sócio-correspondente do IHGB, Varnhagen possuía o compromisso de

remeter à sede da agremiação cópias de documentos que pudessem subsidiar a escrita da história pátria. Estes, pois, seriam publicados ou arquivados, de acordo com a deliberação de seus confrades.

Se o futuro Visconde de Porto Seguro enviou a *Noticia Primeira Practica* por interpretá-la como um monumento da sua província de nascimento, São Paulo, o escrito foi merecedor das páginas da RIHGB por fornecer informações a respeito de temas que estavam na ordem do dia do governo imperial: a questão lindeira envolvendo a região do Mato Grosso e a existência de nações indígenas dentro da nação brasileira em construção.

No século XX, a *Noticia Primeira Practica* foi editada por Afonso d'Escragno Taunay ao lado das demais notícias práticas cuiabanas que permaneceram inéditas, bem como de diversos outros textos que apresentam como elemento comum a navegação do Rio Tietê. As monções que compõem o título da obra são entendidas por esse historiador como a última fase das bandeiras paulistas, o que resulta no esvaziamento do contexto de produção dos textos contidos no volume e dos agentes históricos neles envolvidos em prol de um discurso histórico que reforçava a figura mítica do bandeirante enquanto responsável pela construção do território brasileiro. Essa visão é ressaltada em diversos níveis: textualmente, nos estudos introdutórios feitos por Taunay; e materialmente, pela seleção dos relatos e das imagens que compõem o livro, pela capa e pelo selo da Biblioteca Histórica Paulista – coleção idealizada por um homem que publicamente expressava que o estudo da história de São Paulo era o estudo da história do Brasil.

A publicação de *Relatos monçoeiros* se insere no contexto do IV Centenário da Cidade de São Paulo, momento no qual, através do resgate dos atributos do bandeirante enquanto símbolo, a elite paulistana à frente das comemorações buscou não só solucionar o problema do que era “ser paulista” nos anos 1950, mas também explicitar ao resto do país que o que permitiu a São Paulo vir a ser uma metrópole moderna naquele momento foram a bravura, o empreendedorismo e a intrepidez do seu povo. Sendo assim, a *Noticia Primeira Practica*, vista como documento sobre o passado paulista, foi apropriada na condição de atestado dos ânimos e dos feitos de outrora da gente de Piratininga.

Valendo-nos de um aporte teórico interdisciplinar a fim de compreender a escritura em sua complexidade, buscamos perscrutar esse texto setecentista em três séculos, ao longo dos quais, enquanto *produto* e *vetor* de relações sociais, teve o seu conteúdo, a sua forma e o seu significado modificados em cada uma das etapas que marcaram a sua trajetória.

REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

DUAS Palavras [papel avulso assinado por Affonso de E. Taunay e datado em 25 de janeiro de 1951]. Coleção Afonso Taunay, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Transcrições de documentos históricos, A1 – 15/9/48. São Paulo: Museu Paulista, 1951.

CAMELLO, João Antonio Cabral. *Noticia Primeira Practica Que da ao Reverendo Padre Diogo Soarez o Cappitam Ioaõ Antonio Cabral Camello sobre a Viage que fez as Minaz do Cuyaba no anno de 1727*. Biblioteca Pública de Évora, Coleção Diogo Soares, Códice CXVI 1-15, f. 1r-6v, [1734]. Évora: Biblioteca Pública de Évora, [1734a].

CAMELLO, João Antonio Cabral. *Noticia Primeyra Practica Que dá ao Reverendo Padre Diogo Soares o Capítam Ioaõ Antonio Cabral Camello, Sobre a Viagê que fes as Minas do Cuyabâ no anno de 1727*. Biblioteca Pública de Évora, Coleção Diogo Soares, Códice CXVI 1-15, f. 61r-71r, [1734]. Évora: Biblioteca Pública de Évora, [1734b].

CAMELLO, João Antonio Cabral. *Noticia Segunda Practica: do que lhe socedeo na Volta, que fez das mesmaz Minaz para Saõ Paulo*. Biblioteca Pública de Évora, Coleção Diogo Soares, Códice CXVI 1-15, f. 6v-10v, 1734. Évora: Biblioteca Pública de Évora, 1734c.

CARTA de Diogo Soares a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 19 de dezembro de 1734. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos do Brasil, livro 11, f. 38r. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1734.

CARTA de Diogo Soares a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 12 de fevereiro de 1735. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos do Brasil, livro 11, f. 43r. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1735.

CARTA de Domingos Capacci a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 17 de junho de 1734. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos do Brasil, livro 15, f. 87r. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1734a.

CARTA de Domingos Capacci a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 29 de julho de 1734. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos do Brasil, livro 15, f. 88r. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1734b.

CARTA de Domingos Capacci a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 1 de novembro de 1734. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscrito do Brasil, livro 15, f. 89r-89v. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1734c.

CARTA de João Antonio Cabral Camello a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, 2 de março de 1735. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos do Brasil, livro 11, f. 50r-50v. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1735.

PAPEL avulso 26a. Coleção Afonso Taunay, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Transcrições de documentos históricos, A1 – 15/9/48. São Paulo: Museu Paulista, [195-].

RELATO das “Notícias practicas das minas do Cuyabá e Guyazes na Capitania de São Paulo”, da Coleção Padre Diogo Soares referente a monções empreendidas a Cuiabá, descrevendo caminhos fluviais e terrestres da região, as tribos indígenas existentes, os ataques indígenas a roças e monções. Datas compreendidas entre 1727 e 1734. Biblioteca Pública de Évora. cod. 116 (2-15, 1 vol., 4º). (Incluso um bilhete explicativo de Afonso de E. Taunay, entregando a documentação a SBH, por ocasião da transmissão de cargo na Diretoria do Museu Paulista em 25 jan. 1951). Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Arquivo Central do Sistema de Arquivos, Universidade Estadual de Campinas, cd/136p, Pt. 289 P67P. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1951.

FONTES IMPRESSAS

BARBOSA, Januário da Cunha. Lembrança do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto Historico Brasileiro, para remeterem á sociedade central do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 1, p. 109-110, 1839.

CAMELLO, João Antonio Cabral. *Noticias Praticas Das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá*, que da ao Rev. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez ás Minas do Cuiabá no anno de 1727. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 4, p. 487-500, 1842.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiasés, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juarez, o capitão João Antonio Cabral Camello, sôbre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. In: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953a. p. 114-123.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiasés, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juarez, o capitão João Antonio Cabral Camello, sôbre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. In: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Publicações comemorativas sob o alto patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953b. p. 114-123.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas Das minas do Cuiabá e Goiáses, na capitania de São Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juares, o Capitão João Antônio Cabral Camelo, sôbre a viagem que fêz às minas do Cuiabá no ano de 1727. *In*: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. t. 3, p. 131-140.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiases, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juares, o capitão João Antonio Cabral Camello, sôbre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. *In*: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976a.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiases, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juares, o capitão João Antonio Cabral Camello, sôbre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. *In*: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976b. t. 3.

CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiases, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juares, o capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. *In*: TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p. 118-129.

CAMELLO, João Antonio Cabral. *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002.

EXTRACTO das actas das sessões dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março de 1843. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 5, p. 97-123, 1843.

EXTRACTO dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 1, p. 18-20, 1839.

LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis; OLIVAL, Fernanda (orgs.). *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Évora: Publicações do Cidehus, 2002. v. 1.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana: Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741. t. 1.

PROVISÃO de D. João V aos “Padres Matemáticos” Diogo Soares e Domingos Capacci, com as instruções para seu trabalho no Brasil: Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), cód. 248 do Conselho Ultramarino, fl. 249v-250. *In*: CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2009. t. 2, p. 229-230.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborensis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850. t. 1.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

LIVROS, ARTIGOS E TESES

ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições*: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante. 1985. 342 f. Tese (Doutorado em História Social) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

ALBERTI, Samuel J. M. M. Objects and the museum. *Isis Focus*, Chicago, v. 96, n. 4, p. 559-571, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/36uaW0Q>>. Acesso em: 22 maio 2020.

ALMADA, Márcia. Cultura material da escrita ou o texto como artefato. In: CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da; MEIRELLES, Juliana Gesuelli (orgs.). *Cultura escrita em debate*: reflexões sobre o Império português na América: séculos XVI a XIX. Jundiá: Paco, 2018. p. 17-40.

ALMADA, Márcia; MONTEIRO, Rodrigo Bentes. O Discurso e a Notícia: manuscritos sobre a revolta de 1720 atribuídos a Pedro Miguel de Almeida, 3º Conde de Assumar. *Tempo*, Niterói, v. 25, n. 1, p. 1-25, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3bYpYwO>>. Acesso em: 22 maio 2020.

ALMEIDA, André Ferrand de. Os jesuítas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720-1748). *Oceanos*: a formação territorial do Brasil, Lisboa, n. 40, p. 79-92, 1999.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura*: São Paulo no meio século XX. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

BELO, André. Between history and periodicity: printed and hand-written news in 18th-century Portugal. *e-journal of Portuguese History*, Porto, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2004a. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZqVxN5>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BELO, André. Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da Gazeta de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 15-35, 2004b. Disponível em: <<https://bit.ly/2A4OWNC>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architetonico* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1720. v. 6. Disponível em: <<https://bit.ly/3e7oKkk>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Perspetivas sobre a representação das monções no Museu Paulista e no Museu Republicano de Itu. *Midas*, Évora, n. 10, p. 1-21, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZtOyDm>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes; SOUZA, Jean Gomes de. Os percursos das Notícias Práticas das Minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo (séculos XVIII-XX). *Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 266-291, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tsfyis>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BRITO, Mário da Silva. *Martins: 30 anos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 3, n. 5, p. 93-124, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/3eoo2BJ>>. Acesso em: 22 maio 2020.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SÁEZ SÁNCHEZ, Carlos. Paleografía versus alfabetización: reflexiones sobre historia social de la cultura escrita. *Signo: revista de historia de la cultura escrita*, Alcalá de Henares, n. 1, p. 133-168, 1994. Disponível em: <<https://bit.ly/3edI6o7>>. Acesso em: 22 maio 2020.

CASTRO, Ivo. Filologia. In: BIBLOS: enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa. Lisboa: Verbo, 1995. v. 2, p. 602-609.

CORREA, Jessica Aparecida. O novo atlas da América portuguesa e a oficialização do território colonial (1730-1749). *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 100-120, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3e8Ufuj>>. Acesso em: 22 maio 2020.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Missões brasileiras nos arquivos europeus. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 213, p. 133-175, 1951.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DUARTE, Eduardo. Biografia do Visconde de São Leopoldo. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 5 ago. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2zb2gQN>>. Acesso em: 21 de maio 2020.

EMILIANO, António; PEDRO, Susana Tavares. De Notícia de Torto: aspectos paleográficos e scriptográficos e edição do mais antigo documento particular português conhecido. *Zeitschrift für romanische Philologie*, Berlin, v. 120, n. 1, p. 1-81, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/36pg2uZ>>. Acesso em: 22 maio 2020.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. “Escreve quem sabe e assina quem pode”: produção e circulação de manuscritos no Brasil colonial. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 37, p. 213-232, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3gkj9cz>>. Acesso em: 22 maio 2020.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis; COSTA, Renata Ferreira. A escrita no século XVIII. In: MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; FACHIN, Phablo Roberto Marchis (orgs.). *Por rumos da agulha: documentos do ouro do século XVIII*. São Carlos: Editora Cubo, 2015. p. 17-36.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.

GRUZINSKI, Serge. *Las cuatro partes del mundo: historia de una mundialización*. México: Fondo de Cultura Económica 2010.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. São Paulo: Annablume, 2011.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988. Disponível em: <<https://bit.ly/2WUd6nl>>. Acesso em: 22 maio 2020.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções e capítulos de expansão paulista*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (ed.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 89-121.

LARA, Sílvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 17-39, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/36pgMAh>>. Acesso em: 22 maio 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEITE, Serafim. *Diogo Soares, matemático, astrónomo e geógrafo de sua majestade no Estado do Brasil (1684-1748)*. Lisboa: Brotéria, 1947.

LOFEGO, Silvío Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.

MACHADO, José de Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.* *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. São Paulo: Parábola, 2018.

MARQUILHAS, Rita. Autógrafo. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009a. Disponível em: <<https://bit.ly/2ypRm9n>>. Acesso em 15 maio 2020.

MARQUILHAS, Rita. Apógrafo. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009b. Disponível em: <<https://bit.ly/2LSsutP>>. Acesso em 15 maio 2020.

MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, N. Sér. v. 6/7, p. 9-36, 1998-1999. Disponível em: <<https://bit.ly/307nOYC>>. Acesso em: 25 setembro 2020.

MARTINS, António Coimbra. Notícias de mão. *Cultura*, Lisboa, v. 21, p. 317-324, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3gi20QK>>. Acesso em: 22 maio 2020.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018.

MEGIANI, Ana Paula Torres. Escritos breves para circular: relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII). *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 535-563, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3gfUUfd>>. Acesso em: 22 maio 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <<https://bit.ly/2S1JjWy>>. Acesso em: 25 setembro 2020.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora: notícias de história. In: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.). *O Império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 187-200.

NÚÑEZ CONTRERAS, Luis. *Manual de paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra, 1994.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das coleções brasileiras, nas décadas de 1930, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989. p. 359-409.

PRESOTTI, Thereza Martha Borges. *Na trilha das águas: índios e natureza na conquista colonial do centro da América do Sul: Sertões e Minas do Cuiabá e Mato Grosso (século XVIII)*. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista USP*, São Paulo, n. 13, p. 78-87, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/36ko34D>>. Acesso em: 22 maio 2020.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. v. 2, p. 133-150.

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Jean Gomes de. Estudo comparativo dos testemunhos da Notícia Primeira Practica de João Antonio Cabral Camello dada ao padre matemático Diogo Soares: a transmissão de um texto em quatro séculos (XVIII-XXI). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA ESCRITA NO MUNDO MODERNO, 1., 2019, Belo Horizonte; Ouro Preto. *Anais* [...]. Belo Horizonte: UFMG; Ouro Preto: Ufop, 2019. p. 245-251. Disponível em: <<https://bit.ly/2LWn80B>>. Acesso em: 22 maio 2020.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo: Typ. Ideal Heitor L. Canton, 1950. t. 11.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brazil*. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1857. t. 2.

ENTREVISTAS

MARTINS, José de Barros. Fala o editor José de Barros Martins: livros pelo crediário, o segredo do negócio [entrevista cedida a Francisco de Assis Barbosa]. *Flan*: o jornal da semana, Rio de Janeiro, ano 1, n. 34, p. 38, 1953.

SITES

WASTH Rodrigues. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2LU8qao>>. Acesso em: 21 de maio 2020.

Artigo apresentado em 5/4/2020. Aprovado em 11/6/2020.



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License